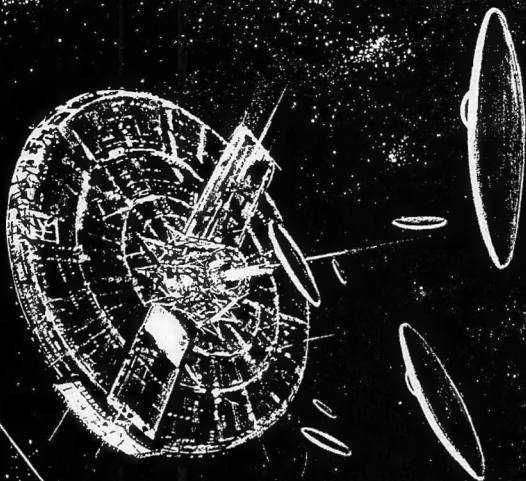


Há um princípio que serve de barreira
contra toda e qualquer informação,
de prova contra todo argumento e que jamais pode falhar,
a fim de manter o homem em permanente estado de ignorância.
Este princípio condena, antes de pesquisar.

Herbert Spencer



P

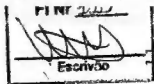
or que sempre houve — por parte da população de um modo geral — um pre-julgamento sobre pessoas que relatam fatos incomuns, considerando-as fantasiosas, místicas, fanáticas, desequilibradas mentalmente ou necessitadas de apelar nos meios de comunicação? A verdade torna-se obscura sob os aplausos da ridicularização, do abjeito, do riso e da pilhéria. Assim, a maioria das pessoas se aquietou em silêncio abissal por recio e medo de expor a público suas, às vezes, difíceis e incômodas experiências de haver vivenciado algo estranho diante do inexplicado ou fora do padrão comum da mediocridade mundial.

Ao propormos escrever este livro sobre o incidente em *Varginha*, que traz à baila — mais uma vez — o tema Objetos Voadores Não Identificados, seus tripulantes e todo o mistério neles incluídos —, o fazemos com a preocupação de apenas relatar uma ocorrência real e verdadeira, em que pese ao temor das Forças Armadas de todo e qualquer país ao quererem se apropriar deste assunto, crendo que tais fenômenos ocorrem em virtude das armas mortíferas dos próprios seres humanos, e não extraterrestres, na perigurança do confronto armado, como se qualquer militar também não fosse humano.

Da mesma forma, procuramos excluir quaisquer princípios religiosos, se eles têm moldado padrões que em nada explicitam o poder do Supremo Criador de todas as coisas, uma vez que somente aos terráqueos coube a tarefa de criar normas doutrinárias e padrões éticos de acordo com os interesses e desejos dos fundadores de religiões.

Guiáremos, como única preocupação, escrever sobre o óbvio, ou seja, sobre o que a humanidade vem testemunhando desde tempos remotos, que é a inserção dos extraterrestres no nosso planeta Terra, ponto minúsculo na imensidão das galáxias, vindo de onde vierem e sendo eles quem foram.

A Ufologia — estudo dos OVNI's (Objetos Voadores não Identificados) ou UFO's (do inglês *Unidentified Flying Objects*) — ou, se preferirem, OANIs (Objetos Aéreos não Identificados), a nosso ver está vivenciando, neste final do século XX, o seu maior momento de grandeza. Daí a acirrada controvérsia entre os célticos e os



que crêem. Mas a questão crucial não nos é apresentada como um simples acreditar ou não crer. A nós nos parece muito mais acertada a *compreensão*, ou seja, independentemente do *crer* ou não *crer*, e antes, portanto, da acatitação cega e absoluta sobre a evidência do fato que originou a inquietação, deixar prevalecer a procura do *compreender* (diante das perguntas, e sem que pesem as emoções), se determinado fato teve ou não a *possibilidade* de sua existência.

Não pretendemos expor aqui nenhum método de pesquisa ufológica, nem influenciar pessoas, nem mesmo provar que determinados planetas existentes no infêrnio de Deus são habitados por esta ou aquela raça. Não usaríamos a tanto nem termos capacidade para isso. Nossa intenção única e tão somente é trazer à tona, sem subterfúgios e retóricas, um testemunho fiel de que alguma coisa *diferente* do que podemos julgar como "normal" aconteceu em janeiro deste ano de 1996 na cidade de Varginha, localizada na região Sul do Estado de Minas Gerais, a 300 quilômetros da capital, Belo Horizonte. Culturalmente heterogênea, abriga inúmeras grandes empresas e indústrias. Com mais de 100 mil habitantes, há alguns anos ostenta o título de "porto seco" do café, cuja colheita mundial ali passou a ser feita.

Varginha está localizada na região das cidades de São Tomé das Letras, Três Corações, Pouso Alegre, São Gonçalo do Sapucaí, Campanha, Três Pontas, São Bento do Abade, Corrego do Ouro, Passa-Quatro, Ampelandia e Alfenas, onde é comum a casuística de grande atividade de OVNI's, cujas aparições públicas são avistadas por milhares de civis e militares, deixando entusiasmados os ufólogos brasileiros e estrangeiros!

Mas, muitos daqueles que se dizem ufólogos, sem jamais se terem dado ao trabalho de desenvolver pesquisas de campo, segundando a eles, não possuem muitos difíceis a tarefa de fazerem o mesmo, pois a maioria dos ufólogos que puderam para se rotular donos da verdade sobre e das *criaturas* de Varginha.

Já se editaram livro e jornal. Palestras foram feitas em auditórios a preços extorsivos para uma platéia interessada no assunto, mas sem onde e como procuraram os Grupos Ufológicos fechados em seus casulos. Inclemente, escutarão alongadas lertias explicativas sobre os "ETs de Varginha serem *intraerrenos*...", que a "tipologia dos ETs de Varginha" é igual a *criaturas* existentes aqui, ali, espólia...

A isto preferimos nos abster de comentar os "vendedores ambulantes" na procura de incautos, mas enlusiadas do tema Ufologia, se a nós não pertence *criatura* nenhuma, nem nunca nos pertencerá.

Escrevemos este livro contando apenas o que se pôde azealhar em termos de pesquisas junto a algumas milícias civis e militares, ao debarmos nossos afazeres profissionais para nos azeir sobre um incidente ocorrido. E nada mais.

O nosso trabalho também tem o propósito de agradecer aos que tiveram conosco a paciência de nos receber em seus domicílios, seus escritórios e nos terem aguardado quando de encontros furtivos para nos darem seus testemunhos amparados na confiança e no respeito em nós depositado.

E se mais escritos houver em relação às *criaturas* do espago em Varginha - o que certamente deverá ocorrer - serão todos publicados, independentemente do que ate aqui fizemos (e isto deverá ser recebido de bom grado e com a devida compreensão de conjcturas de enismesados senhores em seus derandados clausurais que emboscam a canoa furada, ansiosos por navegar nas ondas de seus próprios e minúsculos oceanos de palavras, apensos às ondas dos seus naufrágios ou, se preferirem uma outra imagem que lhes assentem melhor na postura, a de não possuírem asas para um voo maior senão o de cuidarrem, depois, dos destroços de suas perdidias flusões ao almejarrem se projetar à sombra do que é de todos e Universal, ou seja, a procura da bastante *compreensão* sobre os *Objetos Voadores* não identificados e seus tripulantes.

O nosso relato se prende ao primeiro semestre deste ano e pelo fato de quatro pessoas, as meninas, Kátia Andrade Xavier (22 anos), as irmãs Lilliane Fálma da Silva (16 anos), Valquíria Aparecida da Silva (14 anos) e dona Terzinha Claft (67 anos) terem avistado uma *criatura* diferente dos padrões que entendemos como "ser humano" sendo diferente de qualquer outro animal conhecido.

Podoriam elas próprias, a bem da tranqüilidade pessoal, ter assumido um silêncio de comum acordo e não divulgar tais fatos. Entretanto, a zombardia da opinião pública, as críticas de céticos, as ironias dos religiosos, a falta de pessoas inescrupulosas, além de mexericos e grangos de todas as formas e fuzendo a ponto de quaisquer outras pessoas serem demovidas de tais testemunhos e fazerem a retratação com efusivas desculpas pelo engano. No entanto assumiram, com retidão e honradez, o que avistaram - independentemente do julgo de uma plebe ávida por execração e em regozijo pelo jocoso.

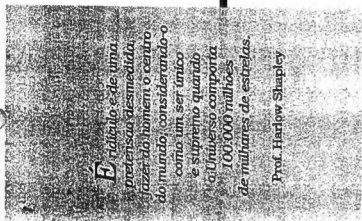
Portanto à Kátia, Lilliane, Valquíria e dona Terzinha Claft, dedicamos este livro.

Vitório Pacacinti e Maxs Portes

Belo Horizonte, agosto/outubro de 1996.

Capítulo

1



Meu interesse pela Ufologia vem do tempo de criança, em Três Corações, influenciado por meus pais, Eduardo Tavares e Rosa Pacacini - os primeiros adeptos da Ufologia que conheci -, pois antes mesmo do meu nascimento, quando ainda namorados, o que lhes dava maior prazer era assistirem ao seriado de Flash Gordon que, saindo das páginas dos gibis de 1934 - criação do desenhista Alex Raymond - mudava, em 1936, a lição científica nas telas do cinema, com Larry Buster Crabbe (Franker) tornando-se herói espacial na luta contra o perigoso ditador Ming em meio às estranhas paisagens do planeta Mongo, e Jean Rogers (como a personagem Dale Arden).

Lembro-me de que na vasta biblioteca de nossa casa havia um livro de capa azul intitulado *Dossoz Voadores*, de Desmond Leslie e George Adamski, investigadores da década de 60, que couberam à baila o assunto de modo o mais especificado possível para a época. Quando mundialmente, esse livro mostrava um disco voador na capa e, nas páginas de dentro, algumas fotografias de objetos voadores não identificados. Ele chamava a minha atenção de menino, e sua leitura



Flash Gordon e Dale Arden

era muito confusa, para mim, mas, por outro lado, dava-me um enorme e sempre renovado prazer em folhear a revista.

Do nosso aparelho de televisão Colorado RQ, em preto e branco, com antena externa e todos os *fontemas* possíveis e imagináveis, além de um som pleno de chiados e ruídos, o que havia de melhor para nós eram as noites festivas quando passavam os seriados *Tuêl do Tempo*, *Vagabundo ao Fundo do Mar*, *Jornada nas Estrelas*, *Perdidos no Espaço* e *Os Invazores*, além de qualquer outro filme de ficção científica. Após assistir a eles em quase estado de êxtase, mesmo naquela pobreza de som e imagem, ficávamos em costumesiros comentários futuristas, sem ao menos perceber a proximidade do próprio futuro acontecendo em nossas vidas através do avanço científico e tecnológico, a culminar com o que nos parecia impossível: se do raio de luz emitido pela arma de *Flash Gordon* surgisse o raio laser da *Peça Terminal* de luzes piscando no comando das mais distantes e avançadas figuras das séries de cinema - ao computador de hoje. E a história ficaria mais de seres com estranhas vestimentas, a um *projeto Apolo*, não foi surpreendente?

Não seria, pois, muito estranho perceber que se houve tamanho avanço da inteligência humana em tão pouco espaço de tempo, também em proporções relativas pudessem haver - em outra dimensão no tempo-espaço de mundos paralelos ou intergalácticos - tal similitude, respeitados os conceitos da evolução de uma raça?

Imaginarmos um estranho objeto voador vindo do espaço a uma incrível velocidade e dele desprender-se outro menor, com quatro pés sustentando um corpo de formas imprecisas; e ao pousar em chão firme dele saírem dois seres *assemelhados* a humanos, com cabeças de um único olho igual ao de um inseto e a refletir um ponto azul que ficaria distante no escuro espaço; quem diria real a imagem destes dois seres, aos pulos de euforia e chamadas Neil Armstrong e Edwin Aldrin, comemorando - em 20 de junho de 1968 - o primeiro pouso do homem na Lua? Também não seria ficção?

Ou ficção foram os inúmeros relatos bíblicos, sendo o de melhores narrados o de Ezequiel, I, 4. *Euc* e *zis*

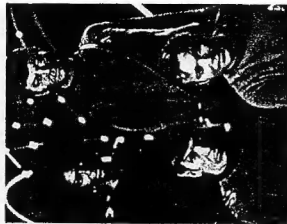
que vinha da banda, "aquilo um torvelinho de vento, e uma grande nuvem, e um globo de fogo, e ao redor dela um esplendor, e no meio dele, isto é, no meio do fogo, via-se uma espécie de metal brilhante...e por vários versículos?

Ficção de um cinema inexistente? Literatura de ficção científica em tabuas de ceras e pergaminhos, ou simplesmente lendas tribais passadas de pai para filho num tempo em que a escrita era privilégio de uma casta de nobres? E, assim mesmo, como descrever sobre uma tecnologia avançada para os padrões culturais de um povo convencido de ser a Terra o centro do Universo?

Hoje acredito que, de todos os membros da minha família, fui eu quem prosseguiu com maior interesse por fenômenos espaciais, acreditando egamente na existência de um só princípio criador, tanto em relação a nós, terráqueos, quanto aos de outras partes do Universo.

Afinal, se sabemos da existência de bilhões de estrelas somente na nossa galáxia e de outras tantas ao redor da nossa, astrônomos famosos como Carl Sagan e muitos outros já demonstraram, por várias pesquisas, da possibilidade de outros planetas, mesmo dentro da nossa galáxia poderem sustentar vida conforme nós a concebemos.

Imaginar, no entanto, que o homem está sozinho no Universo e que somente ele é um espécime vivente mais avançado somente por estabelecer linguagem, comunicação verbal e desenvolver tecnologia - inclusive a espacial com destino a outros planetas - não é inteligentemente aceitável a concepção de que somos a semelhança de Deus. E nem este é o caminho mais acertado para melhor entendimento do Cosmo. Por que a insistência de muitos em querer estender uma discussão que não levará a lugar nenhum, apenas em se tratando de argumentos que a raça humana é superior à raça animal, por sermos mais desenvolvidos em "projeto cérebro"? Ora, e provado nos dias de hoje, não há Projeto Cosmos, que cada maquiagem de DNA humano e de outros espécimes de seres de genes conhecidos e o nosso DNA também se encontram nos peixes e em peixes - ou seja, praticamente em todos os seres vivos, incluindo os microscópicos como bactérias e protozoários.



Tripulantes da USS Enterprise



Isso nos leva a crer, portanto, do quanto a nossa raça *apenas* evoluiu na Terra mais que as outras. Porém, há pouco sabemos do meteorito de Marte, o Allan Hills 84001, contendo glóbulos minerais de carbono, que seriam resultados de microrganismos, onde pesquisadores e cientistas afirmam ter encontrado evidências de vida: além da coincidência de agora haver a notícia por parte da Nasa, que fotos foram tiradas pela nave Galileo, revelando novas evidências da possibilidade de vida extraterrestre e que, pela desconexão dos cientistas, de haver um oceano debaixo da calota de gelo que cobre quase toda uma das quatro maiores luas de Júpiter (planeta 1,4 mil vezes maior que a Terra), dentre as mais de dezessete já descobertas, e de nome Europa! Se os cientistas creem que as fotos enviadas são capas de gelo quebradiças próximas a igualar-se às da lua polar ártica da Terra, então, a possibilidade de vida ali é maior do que a da Terra. E, portanto, a vida, a calor (que Europa pode ter: havendo gelo derretido) e química orgânica – normalmente transportada por meteoritos que atingem os planetas – como ocorreu na Terra!

A incrível e recente descoberta do Físico russo Eugene Podkletnov, Professor da Universidade Filadélfica de Tampere, trabalhando em suas pesquisas com materiais supercondutores – que têm a menor resistência à passagem de energia elétrica – foi por haver recebido em seu laboratório a visita de um dos seus colegas, também cientista, que lá chegou fumando. A fumaça do cigarro, ao passar por ele e seu equipamento, começou a se dissipar, como se fosse um gás, e não um líquido, como se esperava. Podkletnov colocou uma bola de golfe acidentalmente no experimento, pendurada em uma balança sensível. O que jamais usaria para resultados práticos um futuro muito próximo: a bola de golfe perderia 2% de seu peso. Duplicando a experimentação, obteve 4%, tendo o mesmo resultado ocorrido com outros objetos de materiais diferentes. Podkletnov percebeu que o seu experimento estava criando um escudo anigravitacional resultado da força de vários anéis supercondutores funcionando de uma maneira semelhante ao que acontece no ímã – cujo campo gravitacional resulta em linhas de partículas magnetizadas, orientadas na mesma direção. Ora, sendo assim, nos supercondutores a rotação, numa determinada velocidade, faz com que as partículas do material criem um minúsculo campo gravitacional magnético. Mas o físico teórico do Instituto Max Planck – o mais respeitado centro de pesquisas da Alemanha –, Giovanni Mendonça, acredita que o fenômeno, agora descoberto, seja o resultado do que os físicos alemães acreditam ocorrer a Terra: a rotação da Terra cria um campo de força da velocidade de rotação de 0,46 cm por segundo, o que é suficiente para grandes, será possível moldar e distorcer nas dimensões de espaço e tempo, até invertê-las. Assim, então, o homem poderá deslocar-se através das horas e dos dias como se fossem metros e quilômetros.



Experimento
do Físico Eugene Podkletnov.
(foto de David Paster,
Science Photo Library)
19/02/112 - 23/02/96

Portanto, tal descoberta de Podkletnov, acontecida neste ano de 1996, com detalhes do experimento saindo nas edições do mês de outubro do *Journal of Physics-D: Applied Physics*, do Instituto Britânico de Física, agitam os meios científicos além dos alemães, dos laboratórios da Itália, do Canadá e da Índia tentando reproduzir o experimento, cujos resultados demonstram por demais animadores. Dessa forma, inusitada (e qual descoberta não foi assim?), Podkletnov, criando uma máquina capaz de desalar a gravidade, está acordando o imaginário da ficção científica, não somente dos amados por meus pais, porém um mais recente filme: *Blade Runner*, com cenas inesquecíveis de carros e motos fluindo entre prédios.

E Ronald Kozor, atual Engenheiro-Chefe da Nasa afirmou que “se o efeito anigravitacional é real, queremos ser os primeiros a dominá-lo”. Sendo assim, muito brevemente poderemos fazer o mesmo que as criaturas do espaço já sabem fazer há milhões. Mas estaremos copiando-as nos seus inventos, ou não seria mais uma parte da nossa memória coletiva despertando para o possível?

Desta forma, no avanço natural como a Ciência caminha – ainda que aos tropeços das descobertas –, certamente também haverá o dia das viagens espaciais com humanos a bordo e cobrindo anos-luz de distância da nossa Terra, hoje (e impensoável ontem), nunca mais será a mesma.

Célio oportuniza a citação de um texto do ufólogo fluminense, Marco Antonio Peit, a nos avisar de “termos em mente que o nosso Universo, com bilhões de galáxias, pode não ser mais que uma única célula em uma estrutura ainda maior. Por isso que buscamos mensurar os limites do eterno, tal tarefa estará sempre por ser realizada. Mas temos a capacidade de compreender o Todo, mas certamente a partir de nossos conhecimentos, que o eterno, Deus, o próprio Universo, começa e co-nhecerá a si mesmo. Somos, em um único e invariável caminho. Portanto, não temos o direito de nos autodestruirmos, mas se fizermos isto estaremos limitando as próprias percepções da Divindade Maior”.

Ao sair de Três Corações, fui para Stillwater, no Estado de Minnesota, no Norte dos Estados Unidos. De lá, mudei-me para Burlington, no Estado de Vermont - fronteira com a província de Quebec, no Canadá. E, tempo depois, vivi na parte francesa do Canadá, Montreal, província de Quebec, em convívio com a família Rippon, cujo chefe eu carinhosamente chamava de pai, um engenheiro que fazia parte da equipe Barrel Team trabalhando em uma divisão da General Electric, onde desenvolvi várias tecnologias de ponta. Na época estava sendo preparado o avião caça F-16 com a metralhadora de seis canos rotativos Vulcan, que dispara 100 tiros por segundo.

Maior interesse houve da minha parte em conhecer um pouco mais da capacidade humana em criar atalheiras para o amanhã, sendo meu pai uma pessoa com estreita relação de convívio com outros cientistas, inclusive membros da NASA, que estiveram envolvidos em programas espaciais. Também se interessava por alguns deles tive a oportunidade de conhecê-los e ouvir histórias sobre o desenvolvimento espacial. Através de um velho amigo, o almirante Von Braun, o alemão que desenhou a V-2 para Hitler e que, ao término da Segunda Guerra Mundial fora prisioneiro dos Estados Unidos, sendo mais tarde o principal responsável pelo projeto Apolo.

Tal convivência com estes homens foi um valioso estímulo para aguçar minha curiosidade e meus conhecimentos sobre ciência e tecnologia.

De retorno ao Brasil, e cursando, em 1980, a Pontifícia Universidade Católica, onde me formei em Administração de Empresas e Ciências Contábeis, com pós-graduação em Comércio Exterior, fui aluno do professor Húlvio Brant Aleixo, emérito professor de Psicologia Aplicada à Administração. Sempre um mestre atencioso, dele são agradáveis as minhas lembranças em sala de aula. Um dia, ao sabê-lo ufólogo, contê-lhe de meu interesse e fiz menção do livro de Desmond Leslie e George Adamski.

Pouco tempo depois convidou-me a conhecer o acervo ufológico do grupo CICOANI que fica guardado em sua residência. Fiquei impressionado com a seriedade do trabalho do grupo. Não imaginava o quanto a pesquisa ufológica fosse tão rica, com dois arquivos em 15 metros quadrados de área de estudos, 2.500 folhetos, 70 mil recortes de jornais e revistas, 400 fitas com entrevistas e mais de 150 outros folhetos editados em diversos países em um período de tempo de 15 anos. Relatos feitos quando no retorno das viagens de campo de 3000 milhas de campo para pesquisas onde houvera avistamentos de fenômenos aéreos não identificados.

Da nossa convivência e conversas nos intervalos das aulas, a cada dia crescia o meu entusiasmo de aprendizado. Num parentêsis, e por justiça a ele, menciono um láto desagradável e de terrível ofensa a sua pessoa, quando certas

gentilhas na Universidade - movidas por interesses subordinados à mesquinha de suas mentes, armaram verdadeira armadilha contra o mestre, alegando a negligência de seu programa de ensino em que pregões sobre pesquisas ufológicas em sala de aula. Bandalheira das grossas de quem aspirava ascender a lugares melhores na própria Universidade, porque meu mestre jamais se dera ao capricho de mencioná-lo - ao menos mencioná-lo - suas pesquisas extracurriculares. Ao contrário, eram nós - seus alunos - que pedíamos que nos contasse de seu trabalho e nos revelasse fatos, o mínimo que fosse. Mas a grandeza do mestre superava seus íntimos desgostos de se estender horas a fio sobre um assunto de sua predileção. Enquanto professor de Psicologia Aplicada à Administração, o foi em todos os horários na sala de aula. Ainda assim, afastaram-no, com uma acusação sem suporte legal nem argumento lavorável. Alitude que denota, na pobreza de espírito, o sacrar da fome dos invejosos.

Com ele comeciei a dar os meus primeiros passos na pesquisa ufológica, sendo apresentado ao Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não Identificados - CICOANI; primeira associação do gênero criada na América Latina, fundada em 1954, nove anos após a Segunda Guerra Mundial. Portanto, um grupo antigo, fazendo pesquisas muito antes da aviação ter quebrado a barreira do som; da extensão do primeiro satélite artificial russo, o Sputnik, do ralo laser e do hoje usado por toda a população, sugerindo na década de 40 apenas como um produto de ficção científica.

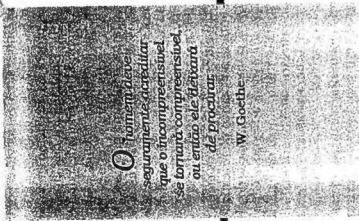
Iniciei a minha participação nas reuniões do grupo em 1980 e tornei-me membro efetivo de seus extraordinários casos que o grupo me apresentava, pesquisado antes da minha chegada. Quando o grupo me convidou a ficar, quanto de dia, adentrando-me em lugares de difícil acesso, violando por estradas de terra, embrenhando-me por matas cerradas, escalando montanhas, atravessando rios - arriscando a vida a fazer vigília ou à cata de testemunhas que diziam ter avistado algum fenômeno aéreo não identificado.

Com o professor Húlvio - sendo ele um psicólogo extremamente habilidoso -, comeciei a aprender técnicas de entrevistas ou em como conduzir testemunhas para as revelações das ocorrências, extraindo delas apenas a verdade e eliminando qualquer outra inserção do que fosse mistico, religiosidade, folclore ou mentira pura e simples. Do próprio professor Húlvio temos o melhor resumo deste trabalho. *'Abordar observadores de Objetos Aéreos não-Identificados, OANI, coletar os dados de suas experiências, interpretá-las em busca de uma objetividade das tarefas que requerem aplicação de técnicas psicológicas, as quais, por sua vez, implicam o uso de técnicas estatísticas, principalmente as de amostragem e correlação. Sendo o problema OANI de amplitude planetária, seus dados poderão ser significativos na medida em que, originários de diferentes áreas geográficas e culturais, revelarem uma inter-relação consistente.'*



Capítulo

2

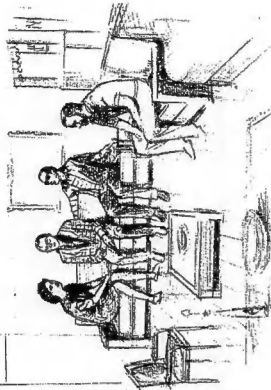


Na manhã de domingo, dia 11 de fevereiro de 1996, ao buscar com o jornalista meus jornais e revistas, deparei a notícia, no *Estado de Minas*, sobre três meninas que avistaram uma estranha *cratura* acreditada como um extraterrestre. Além da fotografia delas, havia a do ufólogo e advogado Ubirajara Franco Rodrigues, daquela cidade, confirmando a veracidade dos fatos.

À noite, em meu apartamento, assisti ao programa *Fantástico*, da *Rede Globo de Televisão*, abordando o mesmo assunto, porém não muito elucidativo, apenas colchendo depoimentos de Kátia de Andrade Xavier, 22; e as irmãs Liliane Fátima da Silva, 16; e Valquíria da Silva, 14, no local onde avistaram a *cratura*. Mais o depoimento do Ubirajara, noticiando que havia boatos sobre a possibilidade do envolvimento do Corpo de Bombeiros e do Exército de Três Corações, conhecido como Escola de Sargentos das Armas.

E logo a ESA - com um contingente de mais de três mil homens - considerada excelente escola do Brasil, sendo este um dos poucos países no mundo a

Simulação da reunião ocorrida no apartamento do pesquisador Vítorio Pacacchini e seu grupo (aquela ocasião) CICOAN



treinar sargentos. Em outros países geralmente o sargento é promovido apenas por ser cabo e ter prestado mais um período de serviço. Na década de 50, o governo brasileiro criou-a, por entender que o sargento é o elo de ligação entre a tropa e o comando, justo porque a teoria fora provada na prática, pelo desempenho dos nossos pracinhas na Segunda Guerra Mundial.

A simples menção desta Escola, a mim me parecia que o caso de Varginha tomava corpo extraordinário em relação a outros tantos pesquisados na Ufologia brasileira.

Resolvi que deveria convocar os membros do CICOAN para uma reunião em meu apartamento, marcada para o dia 13, terça-feira, justamente para definirmos se também iríamos ou não investigar aquele acontecimento. E, em havendo acordo coletivo, determinarmos qual seria o nosso roteiro de trabalho. Além do que, dada a proximidade do Carnaval, estava mesmo pretendendo passar uns dias

uns dias com os meus familiares em Três Corações, cidade a 25 quilômetros de Varginha, no Sul de Minas.

Na tarde de terça-feira, ainda em Belo Horizonte, e sem deixar transparecer meu interesse ansioso, comecei a ter levantamentos sigilosos sobre até onde e os de cidades limitrofes, solicitando a eles levantamentos sigilosos sobre até onde poderiam nos levar, a variação do acontecido, principalmente porque a ESA, uma sede-trincheira república e cuja entidade, desde o meu tempo de menino, sempre fora de fundamental importância em seu interior, se ali conclui um curso de graduação e eu em algum tempo a Escola ficava aberta nos dias festivos como o Soldado, da qual eu e meus amigos comemoramos especificas, para a visitação dos grupos de escolares. Muitos dos meus amigos passaram por lá cumprindo apenas o período de alistamento e, outros, preferindo seguir a carreira militar.

Na reunião, às 19h00, com a presença do professor Húlvio, do Manoel Simões Neves - membro do grupo de trabalho de campo - e do professor de física e de matemática da ESA, CICOANI e sempre presente nas expedições de campo pelas fotografias e a documentação da ESA, CICOANI e sempre presente nas expedições de campo - e de dona Mirai e da Sra. Mariana Guy, outro membro antigo com quase 30 anos de trabalhos prestados ao grupo e residente em Nova Lima, cidade periférica de Belo Horizonte.

Sendo eu um dos mais novos dos membros do grupo e tendo por diversas vezes assumido o trabalho de campo, comecei a ser solicitado por minha condição física e falta etária, além da disponibilidade de tempo por ser solteiro e ser do Sul de Minas, achei que deveria me voluntariar, reportando-me ao grupo quando necessário.

Na manhã da quarta-feira viajamos, antecedendo o sábado de carnaval, porque as estradas estariam ainda vazias. E como o sábado de carnaval está na época de muita chuva no Sul de Minas - sendo a Rodovia Fernão Dias muito perigosa em virtude de sua péssima conservação -, por estaria com o maior volume de tráfego de veículos no feriado.

Quarta-feira, dia 14 de fevereiro, lá em Três Corações, fiz o meu primeiro contato telefônico com o Ubrajara. O telefone, deixei de mencionar o CICOANI e o professor Húlvio. Muito cordial e receptivo, o telefone, cumprimentei-o pelo trabalho de pesquisa em que estava empreendendo, colocando-me ao inteiro dispor para ajudá-lo no que fosse necessário. Por causa da nossa proximidade, achando-se Três Corações, em média, a 100 quilômetros de Varginha, marcamos um encontro para a sexta-feira, dia 16 de fevereiro, quando eu iria até ele.

Ainda na mesma tarde recebi um telefonema do "Sergio", um amigo, avisando-me ser possível apresentar a mim um militar que estivera diretamente

envolvido na captura do estranho ser. Teríamos, no entanto, de nos encontrar tarde da noite, e em uma estrada secundária, justamente para que a testemunha não fosse avistada por qualquer outra pessoa alheia aos nossos interesses. E gravei o seu depoimento.

Na manhã do dia 20 de janeiro, aproximadamente às 8h30, um telefonema anônimo avisou à 13ª Companhia do Corpo de Bombeiros que um animal estranho estava no bairro Jardim Andre. Não tardou que chegasse uma viatura com quatro membros do Corpo de Bombeiros comandados na ocasião pelo Major Maciel.

Traziam os equipamentos necessários para aquela finalidade: redes, luvas, cordas e outros para o caso de ser necessário usá-los. Percorreram o local e, na Rua Suécia, defronte ao nº 3, há um barranco e, logo abaixo, passa a linha férrea. Depois desta começa uma pequena mata fazendo divisa com o bairro Santana. Alguns adultos e crianças que estiveram observando a criatura - tendo algumas delas jogado pedras, fazendo com que ela descesse o barranco e entrasse na mata - continuaram a acompanhar a movimentação dos bombeiros.

Aproximadamente às 10h30, eles a encontraram. Tinha os olhos grandes, vermelhos, iguais aos de sapo. Mas os olhos não ficam para dentro, isto quais os da gente. São para fora, sem pupila nem cílios, nem pálpebras. A boca é só um pequeno rasgo e dois furos no lugar do nariz. Também não tinha orelhas. São três carões saindo dos lados e do centro da cabeça. Era uma criatura estranha, com os pés grandes e desproporcionais ao corpo, que também não tinha roupa e, nem assim, deu para saber seu sexo. Tinha era uma barrigüinha saliente. E essa barrigüinha saliente foi motivo de mais boataria na cidade sobre o ET grávido. Sem fazer resistência alguma, eslavava aparentemente abobada (apenas emulando um zuniado de abelha). Deixou-se capslurar por uma rede, sendo carregada para a viatura do Corpo de Bombeiros. Porém, um pouco mais para trás havia estacionado um camião da ESA. Logo após a vigilância de dois sargentos e um oficial - podendo ser um tenente ou um capitão - e que ajudaram os bombeiros a colocá-la viva - ainda envolta na rede - dentro de uma caixa de madeira, sendo coberto por uma lona do próprio caminhão que, incontinenti, partiu rumo ao destino à ESA, enquanto a viatura do Corpo de Bombeiros retornava ao quartel.

Finalmente, fui a Varginha conhecer o Ubrajara, cujo encontro estava marcado para as 14h00. Era sexta-feira, dia 16 de fevereiro, dia anterior ao sábado de carnaval. Antes, telefonel ao professor Húlvio, avisando-o do meu que eu havia mantido com a testemunha militar. Muito impressionado com o meu relato, achou de extrema importância esta aquisição, informando-me que o doutor Eros Jardim, vice-presidente do CICOANI, pessoa muito nobre, encontrava-se em

Fl. Nr. 430
Escritório



Uma grande
parceria mineira:
os pesquisadores
Vitorio Facacchini e
Ubirajara Rodrigues

São Lourenço, acompanhado de sua esposa, dona Amazzilis, passando os dias mimosos na famosa estância hidromineral distante hora e quinze - de carro - da cidade de Três Corações. E que, inclusive, o próprio professor fluiu já se havia comunicado com ele sobre a minha estadia no Sul de Minas.

Ainda na sexta-feira, pela manhã, o doutor Eros telefonou-me. Ao ficar ciente do meu encontro com o Ubirajara, mostrou-se interessado em ir junto comigo a Varginha, também deseioso de ouvir os relatos do Ubirajara.

Combinamos um horário e o doutor Eros saiu de São Lourenço para nos encontrarmos em Três Corações. Ele, sua esposa e eu seguimos viagem para Varginha, onde foi fácil localizar a residência de Ubirajara: uma casa branca, de esquina. Formos atendidos por seu filho Rodolfo, de doze anos - jovem simpático e agradável, extremamente inteligente. Ao me identificar perante o Ubirajara e apresentar-lhe o doutor Eros e a esposa, que também não o conheciam, ele nos encaminhou para a sala de estar, quando - após alguns instantes de conversas anuais -, pedi-lhe que me desse dos fatos até então sabidos por ele, isto, porque estávamos precisando de melhor nos situarmos sobre as ocorrências.

Até então Ubirajara não sabia da gravação do militar. Mas, por não conhecê-lo, não sabia com que tipo de pessoa estava lidando, até aquele instante não havia decidido se mostraria tal depoimento, convicto de conduzir sozinho as suas investigações paralelas e a meu modo. Estava indeciso. Felizmente, ao perceber sua seriedade, além da postura ética e digna de um ufólogo, mudei o meu modo de pensar. Disse-lhe-me ser a dúvida a melhor companheira antes da certeza. E foi o último sabor erradas as minhas preocupações. Ubirajara mostrou - ao longo de toda a nossa conversa -, ser uma pessoa dedicada há vinte anos em seu trabalho

de campo e portadora de conhecimentos corretos sobre a pesquisa ufológica com bases científicas.

Foi quando nos narrou o que até então sabíamos pelos jornais e televisão. No domingo, dia 21 de janeiro, ouvira os primeiros boatos sobre umas coisas que avistaram uma estranha criatura, um dia antes, sábado, dia 20, no bairro Jardim Andere. Estivera viajando a São Tomé das Letras onde desenvolvia uma nova pesquisa, e tem publicado um pequeno trabalho sobre tais fatos, além de um vídeo por de mesmo editado - embora de forma doméstica - mas muito bem-feito.

É interessante observar que o Ubirajara também reside no bairro Jardim Andere. E se estabelecermos como medida de segurança um ponto em linha reta entre a casa dele até o local onde as meninas viram a estranha criatura, dar-se-ão, se bem medidos, uns quinhentos metros, não mais.

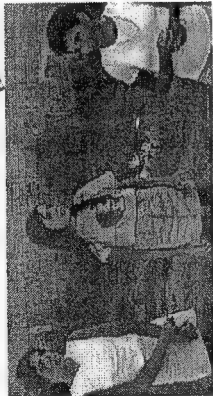
Em meio à boataria do disse-me-disse, das suposições das mais diversas entre pessoas do bairro e alongando-se para toda a cidade, foi somente na segunda-feira, dia 22, que pude saber quais eram as meninas e onde moravam. Por mera coincidência descobri os moradores próximos. Foi até a casa das irmãs Lilliane e Valquíria, ambas residindo no bairro Sanitara, também chamando a Kátia.

No primeiro encontro, narrouam a ele o episódio com extrema emoção, pranteando em alguns momentos - se persistia nelas o temor ainda visivelmente estampado nos olhares. Escutei toda a história e pude que elas o levassem ao local para fazerem uma recapitulação; mostrando, inclusive, de onde exatamente estavam vindo, e o que de fato avistaram.

Novamente repetiu-se o pânico instalado nos olhares delas. Veio o choro nervoso a ponto de não conseguirem o controle necessário para nada mais temerem. E no instante em que foram solicitadas para se aproximarem do muro onde a criatura estava agachada, maior se fez o desconforto, pois havia restado nelas um fator psicológico extremamente notório e evidente.

Naquele sábado, Kátia estava fazendo uma faxina em uma casa do bairro Jardim Andere. Como o trabalho era muito por ser grande a casa, Lilliane e Valquíria, estando disponíveis, foram chamadas por Kátia para ajudá-la. Terminado o trabalho, e regressando a pé, por preferência, uma vez que o bairro Sanitara, onde moram, é vizinho do bairro Jardim Andere - separados por uma grande área arborizada e com uma rua própria, asfaltada -, além de cortar caminho, evitando seguir o curso natural das ruas por onde dariam muitas voltas, adentraram-se naqueles terrenos baldios.

Exatamente onde é o bairro Jardim Andere, próximo a três quadriculadas antes do seu término, há um declive acentuado, indo até a grande área arborizada e com algumas casas em construção. Andando juntas, elas se deitaram com



Kátia, Valquíria e Liliane
defronte o muro onde
avistaram a *criatura*
(foto captuada de vídeo)

uma *criatura* agachada, próxima a um muro erguido com tijolos pré-fabricados de cimento, onde é uma oficina mecânica.

Dai o susto. Primeiro, o de Liliane quem a avistou, se estava um pouco adiantada das outras duas, naquela instante paradas para aljertarem melhor a sacola de plástico que Valquíria transportava. Com o grito de Liliane pondo-se a correr, as duas também viram o que não era um bicho e não tinha a menor aparência com qualquer animal que se pudesse nomeá-lo. Também não era um ser humano... pois a pele era marrom escura, viscosa, como se untada com óleo por toda a superfície do corpo, com três protuberâncias frontais — caixa craniana, grandes olhos vermelhos sem pupilas e saindo para fora do rosto. Boca e nariz pequenos. Pernas e braços finos. Vêlas salientes e grossas saindo do pescoço e indo até por cima do ombro. Os pés grandes, desproporcionais ao resto do corpo.

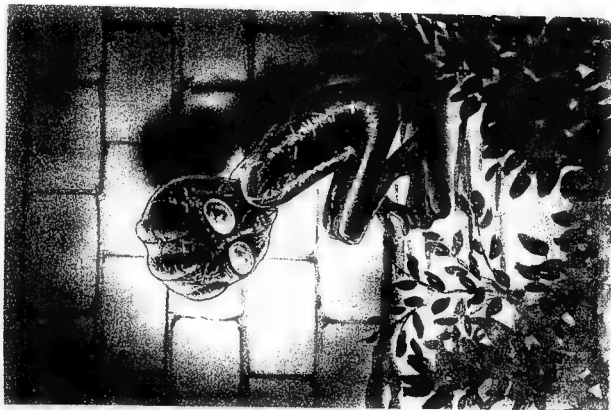
Mesmo com o grito de Liliane, a *criatura* continuou agachada e com as mãos entre as pernas. Apenas virando o rosto para ela e sem se mexer. Foi o suficiente para o pânico se estabelecer. Embora elas tivessem tido apenas a visão por um instante, bateram em retirada e, mesmo na correria, olhavam a *criatura* agachada do mesmo jeito.

Era uma tarde quente, ensolarada, e não havia ninguém mais visível pela redondeza. Na correria foram avistar pessoas somente quando haviam passado pela rua asfaltada dentro da mata e no bairro onde residem.

Chegaram a casa de Liliane e Valquíria. Encontraram Luísa Helena da Silva, mãe delas, e perceberam o quanto estavam as três amedrontadas, em choro e com as pernas trêmulas e gaguejando ao relatarem o fato de terem visto "o demônio". Isto, porque era a única referência a que poderiam associar aquela coisa.



Retrato falado
da *criatura* agachada
contra o muro,
avistada pelas meninas

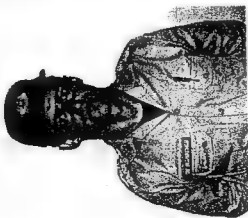


Católicas praticantes, Luisa acreditava nas filhas, crendo estranhas as revelações, além do estado alvamente nervoso com que se apresentavam; e decidida a por fim a tanta agitação daquelas três, saiu de casa intuída de conseguir uma carona de carro para abreviar a distância que teria de caminhar. E a obteve, por sorte, com a vizinha passando por ali naquele momento. E ficou a ela a situação, e instante depois estava no local. Mas nada de diferente avistou. A criada não estava por ali. Ainda assim, encontrou duas pegadas de pés enormes, bem diferentes dos pés comuns, e que a mesma não soube precisar sobre o que quer que fosse, e deveria ter feito aquilo. E sentiu um cheiro forte, parecendo como se de amoníaco, pairando no local onde estivera a criatura. Mas Luisa não conseguiu, em casa, encontrar nos produtos químicos de material de limpeza: detergentes, água sanitária, produtos alíis, qualquer coisa capaz de reproduzir o mesmo cheiro.

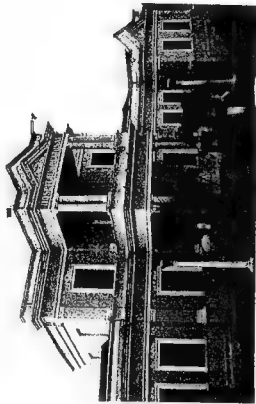
Diante das revelações e dos fatores emocionais que mãe e filhas demonstravam naquela confusão, Ubirajara ficou impressionado com o que ouviu, passando a dar veracidade aqueles fatos.

Estávamos ouvindo o seu relato sem que, até aquele instante, houvesse ocorrido a oportunidade para eu mencionar o desempenho militar em meu poder. Contou-me de uma oportunidade ocorrer com chuva de granizo do caminho de bolsas de pingue-pongue arrasando casas, derrubando muros, telhados, inundando ruas e, com tal violência, que há muito não se via acontecer na cidade.

Tantos informes confusos, em curto espaço de tempo, fizeram com que fosse à 13ª Companhia do Corpo de Bombeiros, ansioso por informações concisas. O comandante, capitão Pedro Alvarenga, negou que a corporação tivesse atendido a qualquer chamado naquele bairro, dizendo que nenhuma viatura fora deslocada para aquele ponto da cidade. Mostrou a ele um bombardeio de porréncias, alegando ater-se somente a ataques causados pela chuva de granizo onde ocorreram danos materiais. Mas não se voltou por volta das 17h30, após o avistamento da criatura pelas meninas.



Capitão Alvarenga assumiu o comando do Corpo de Bombeiros de Varginha após a transferência para Poços de Caldas do major Maciel - quem comanda a 13ª Companhia da primeira criatura



Hospital Regional

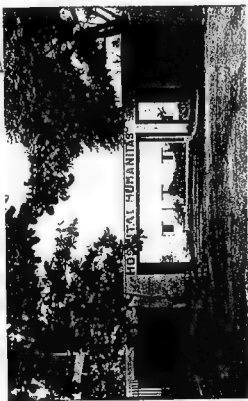
No entanto, pela postura do capitão e pela negação da informação solicitada, Ubirajara não se deu por convencido, preferindo inquirir o tenente-coronel Maurício Antônio dos Santos, comandante da Polícia Militar de Varginha, que também tudo negou. « ponto de afirmar nada saber e nada ter » acrescentar sobre o extraterrestre...

Interessante notar que antes era o demônio; mais tarde, o bicho e, de repente, o extraterrestre! E como havia mais boatos noticiando que a criatura fora capturada e levada por soldados do Corpo de Bombeiros para um hospital, procurou o senhor Adilson Usier, administrador do Hospital Regional de Varginha.

« Aqui no Regional, com toda certeza e estou convicto, não internou ninguém com características acima do ser humano ».

Foi procurar informar-se em outro hospital, o Humanitas, também encontrando negativas de todos os gêneros. Ninguém falava, não sabia, nem tinha permissão para dizer coisa alguma.

Percebendo inúteis as fontes oficiais, achou por bem acionar alguns conhecidos para ajudá-lo nas indagações a terceiros. E tornou conhecido, por parte de um amigo seu, que este era parente de uma pessoa trabalhando no Hospital Regional. Conseguiu contactar-se com ela, tendo a mesma relatado que naquele dia um grande número de pessoas estranhas ao hospital haviam sido vistas por lá. E a mesma pessoa se um determinado setor do hospital ter sido interditado às pressas com alegações de retorta - do início de reformas naquelas dependências, evidentemente invocadas como desculpa, após reunidas a portas fechadas, onde o diretor intimou os profissionais da área médica, proibindo-os de



Hospital Humanitas

mentonar o que ali se passava, pois tal assunto - sendo este altamente confidencial -, não poderia, sob qualquer pretexto, ser divulgado, em hipótese alguma.

E, da mesma pessoa soube de uma outra - também profissional -, haver confirmado a movimentação estranha no hospital, do setor interdiado, da proibição de ninguém divulgar o que estava acontecendo, e a presença, sim, de uma *criatura* em observação... Mais: que esta mesma profissional, ao mostrar-se interessada em ver a *criatura*, foi aconselhada por uma colega (ou nova testemunha) que não o fizesse, porque iria ficar *nao impressionada*...

Assim, em razão de tantas informações truncadas e de situações que não possuíam nenhuma analogia uma com a outra, Ubirajara achou que realmente algo de muito estranho estava acontecendo. E resolveu, após as negativas oficiais, levar o assunto ao conhecimento da imprensa. Ao mesmo tempo contactou-se com a professora Irene Granchi, a nossa primeira dama da Ufologia brasileira. Ela, residente no Rio de Janeiro, telefonou para Luiz Petry, um dos editores do programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, colocando-o a par dos acontecimentos. Foi quando o Petry telefonou para o Ubirajara e imediatamente viajou para Variginha, na intenção de preparar o primeiro programa televisivo. Ao mesmo tempo, Ubirajara manteve contatos com o repórter Evaldo Reis, da Sucursal Sul do jornal *Estado de Minas*, que publicou uma grande reportagem a respeito.

E foram exatamente essas as matérias que vi em Belo Horizonte.

Retornando à nossa presença na sala de visitas da casa de Ubirajara, tendo à meu lado o doutor Eros e sua esposa, e ouvindo o que ele nos contava, foi quando comecei a perceber a coerência cronológica dos fatos, onde Ubirajara se encontrava naquele momento, quando também ajudado em meio à seriedade com que estava nos relatando as coisas de um assunto muito mais profundo do que toda a sua pesquisa até aquele momento. Entendi que não poderia deixar de dar à minha parcela de colaboração, ajudando-o a não se dependesse de mim e também acentuar meu trabalho de pesquisador da melhor forma que eu pudesse fazer.

Mesmo ainda impressionado com os relatos, doutor Eros alegou necessidade de regressar com a esposa, pois o marido queria ir para a noite. Pretendi ficar naquele dia em Variginha e dei as explicações necessárias para sair de lá, qual era a estrada para chegar ao trevo de Três Corações e como seguir para Cambuquira, depois Lambart, até o seu destino final, São Lourenço.

E, com a ausência do doutor Eros, Ubirajara me perguntou:

— E aí, o que você está sabendo?

Iniciava minha fala quando entrou na sala a Angélica, morena de beleza impar, esposa de Ubirajara, acompanhada da filha, Sheliari (8 anos), celta por mim como a mais graciosa bochecha de Minas! Após os cumprimentos e uma conversa formal, acentuando-se leves comentários sobre o acontecimento da cidade, aliam-se da sala, deixando-nos a sós. Foi quando, finalmente, tive a oportunidade de retirar da minha pasta o gravador e pedir que ele prestasse atenção no que ia narrar. Poderia rodar a fita que eu gravara na noite anterior. Ouvindo o depoimento extremamente enérgico, terminada a audição e após seu sorriso de surpresa, confessou emocionado:

— Pacacitini! Você trouxe um novo alento às minhas investigações! Agora a coisa é séria!

De verdade, havia ficado, pois eu percebera, após o seu relato de hora e meia ou mais, que até aquele instante de linha nas mãos - além do depoimento das meninas e uma série de informações truncadas, as peças soltas de um quebra-cabeça, pelo menos ali, e demais estabelecidas um dado concreto, e irretratável! Era, portanto, a hora de começarmos a estabelecer um mínimo de ordem nos fatos que se sucediam. Repassamos os dados possuídos e começamos a ordenar aquele momento, começamos a entender a situação. Se no dia 20 de janeiro, quando o 3º Regimento do Corpo de Bombeiros havia capturado uma *criatura* na grande área arborizada separando o bairro Jardim André do bairro Santiana, e entregue para o Exército que, incontinenti, a retirou de Variginha levando-a para Três Corações; era muito pouco provável - e até ridículo - que o mesmo Exército tivesse retornado com esta



crátura às 15h:30 para debaixo agachada junto ao muro de cimento naquele terreno baldio - e a três quarteirões acima de onde fora encontrada - somente porque as meninas ao passarem por ali tiram vê-la

É evidente que isso não fazia o menor sentido. A partir daí começamos a entender melhor o acontecido, porque a prova número um estava contida no depoimento gravado. E, segundo, indescritível, estava com as meninas. Expondo isso ao Ubirajara, constatei dele também desconfiado, mas insuspeito. Há o aspecto ufológico, mas não o suficiente, em consequência da falta de informação sobre as descobertas. Mesmo havendo prova incontestável, não houve em contradição, porque os horários em que a Boratira se espalhou não estavam em contradição, porque os que avisaram o incidente não estavam em contradição. A entrada com a Kátia, a Boratira, a Boratira (acontecendo na parte da manhã). E o horário em que Kátia, a Boratira, a Boratira viram-na - na tarde de sábado, dia 20, era outro. Simplesmente não conferindo os horários, só poderiam ser duas. ■ *crátura!*

Numa euforia indescritível a agradecido por eu estar com ele na difícil árdua tarefa de pesquisa, levou-me ao anexo construído em sua casa, um auditório com quadro magnético, equipamentos de som, uma sala, uma pequena funcional cozinha e instalação sanitária. Na sala é onde está o acervo de seus trabalhos: recortes e documentos arquivados em pastas, além dos equipamentos de vídeo, computador e aparelhagens de som para edição de fitas, além de uma pequena mesa de mixagem e de efeitos, filmadora e máquina fotográfica.

— Este é meu cantol - disse, feliz, ao me apresentar o seu lugar predileto das coisas, onde a maior parte do seu tempo é passada ali em leituras e na catalogação dos artigos de revistas, jornais e correspondências sobre OVNI's. Mesmo sem conhecer a mim e minha pessoa, pois não me havia apresentado socialmente - embora possuíssemos idêntica preocupação de ufólogos -, confiou-me o quanto gostaria de ter mais contato comigo, além daquele dia, pois eu entregara a ele uma informação extremamente valiosa, que se tratava da fita gravada, e isso denotava uma confiança partilhada, o que não é muito comum neste campo, sobretudo os dias de carnaval?

— Você vai entrar em contato com ele durante os dias de carnaval? — Vou, sim - afirmou, ao aguardo de surgirem novidades por parte dos meus informantes.

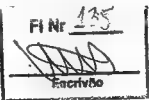
— Faço questão de levá-lo ainda hoje. E posso buscá-lo de volta, amanhã? — Claro! Assim, podemos juntar todos os resultados de nossas pesquisas e recapitular pontos ainda obscuros sobre a *crátura* e a boataria que rola pela cidade.

Senti desportar nele e em Angélica, a companhia admirável, que chegara à nossa presença naquele instante, que estávamos a estabelecer uma parceria a render frutos com os nossos trabalhos até então parciais.

Capítulo



Se se soltarem os testemunhos, a história será uma ciência.
— Amé Michael



No dia seguinte, sábado 17, conforme o combinado, retornei à casa do meu novo parceiro após o almoço, lá ficando por toda a tarde, até o anoitecer. Recapitulamos o que havíamos conseguido até então. Informou a outros ufólogos mais próximos, anunciando a eles esse encontro comigo, dando-lhes informes sobre minha pessoa e sempre em tom muito elogioso - o que me enalteceu sobremaneira.

Contou-me de seu amigo, o engenheiro Claudir Cowo, que eu conhecia por nome, sem jamais ter travado contato pessoal com ele, mas sabendo-o como a maior expressão da Ufologia brasileira, anunciando o que acontecia em Varginha. Também para a professora Irene Granchi, residente no Rio de Janeiro, citando meu nome e esta pesquisadora, que também não conhecia pessoalmente, embora estivesse em Varginha antes da minha presença no Sul de Minas. E que, de seu regresso ao Rio, telefonava dia sim, dia não, no intuito de acompanhar as nossas investigações.

Em meio a tudo isto, o Ubrajara segurava as últimas informações obtidas, mesmo comentando com outros ufólogos que ligavam para lá, mas pedindo dar um tempo maior no objetivo de retardar para a imprensa o depoimento do militar.

Foi quando Luiz Petty, editor do *Fanzinão*, da *Rede Globo de Televisão*, foi novamente avisado, pois, tendo feito um primeiro programa em Varginha, havia solicitado ao Ubrajara que o avisasse tão logo surgisse qualquer novidade no caso.

Com o depoimento do militar em nosso poder, foi gerado um segundo programa, levado ao ar no domingo, dia 25 de fevereiro.

É importante mencionar aqui, num parágrafo, toda a nossa cautela, porque as pessoas, naqueles dias, tendiam a crer que tudo fosse apenas brincadeira de moleques quanto à *criatura*. Como estávamos na época próxima ao carnaval, havia chacotas, ironias e rumores de um boneco pintado e deixado no canto do muro, preso por cordas de nylon e acionadas para assustar quem passasse por ali... Ou, sobre alguém fantasiado, na intenção de fazer graça, progur susto! Assim, o noticiário levado ao ar com as novas informações – obviamente resguardadas as fontes –, mostraria a todos a seriedade dessa descoberta.

Ubrajara telefonou para o Petty, contando as novidades e mencionando-lhe minha pessoa. Imediatamente nos informou que poderia deslocar uma equipe de reportagem para Varginha, após o carnaval.

Como a vida tem suas surpresas! Tinha ido a Três Corações com a intenção de estar uns dias com a minha mãe e afastar-me um pouco da agitação de Belo Horizonte e também, de levantar algumas informações sobre o caso Varginha. Percebi, no entanto, que após o carnaval não poderia sair mais do Sul de Minas. Primeiro, porque Ubrajara e eu decidimos que nenhuma notícia sobre os fatos de Varginha seria fornecida de modo unilateral, pois estávamos trabalhando em conjunto. Segundo, a ida – novamente – da equipe de reportagens da *Rede Globo*, chegando para a gravação do segundo programa – onde apareço no cenário da investigação. Terceito, porque decidimos que tudo a ser dito teria que necessariamente passar por um critério de acordo mútuo após análises do que poderia ou não ser divulgado. E este acordo de cavalheiros se estabeleceu naquele momento até os dias de hoje.

Sabendo que a equipe da televisão viria, passei a ir a Varginha praticamente todos os dias. Alertei os meus informantes daquela região onde eu estaria, se em Três Corações, ou na casa do meu parente.

Nesta oportunidade, nos lição do Rio de Janeiro o Marco Antonio Petti, outro grande ufólogo brasileiro de enormes e valiosos serviços prestados à Ufologia, alega que ele não conhecia o caso Varginha, mas que conhecia o Sr. Bráulio Reis, da sucursal Jornal de Minas que passou a ter um contato maior comigo no valuem das pesquisas de campo.

No domingo de carnaval, dia 18, procurei um casal, meus conhecidos. O marido é militar da ESA, Avelar ao Ubrajara que iria entrar em contato direto com outros militares, pois nós já possuíamos uma confirmação de que o Corpo de Bombeiros estivesse envolvido, seria importante saber sobre a *criatura* levada pelo caminho do Exército para a ESA, somente por intermédio de alguém de lá.

E, num dos telefonemas, consegui contactar-me com eles, marcando um encontro em casa de minha mãe, para o dia seguinte, segunda-feira, 19. Confirmei com Ubrajara.

Aproximadamente às 21 horas, o casal chegou. Ainda não havia conversado com eles o meu propósito. Tudo me restringia a um encontro social. Conversas anuais entre um e outro drink. Até quase meia-noite ainda não havia entrado no assunto. Fazendo pratinhos, preparando-os como o meu costume há muito tempo, a lembrança esvanecer-se, dependendo da forma como é abordada. Considerando a possibilidade de conversas sobre assuntos pessoais, inclusive mostrando a ele a minha arma de defesa pessoal – calibre 9mm, curto, popularmente conhecida como *calibre 380* –, meu registro e porte de arma, comentando, ainda, meu curso feito em Belo Horizonte, na Escola Majaluvá, com o professor Martinho, um dos maiores especialistas em treinamento de defesa com arma de fogo no Brasil –, quando me graduei no curso por ele ministrado. Disse, também, da minha filiação ao Clube Mineiro de Tiro Prático, o qual frequento pelas manhãs em todos os finais de semana. Mencionei, ainda, meu contato com a própria Federação Mineira de Tiro Prático. Foi nesta escola que aprendi muito sobre defesa, circunstâncias de perigo, postura psicológica diante do elemento surpresa e tantas outras técnicas de defesa extremamente apuradas. Isso foi muito importante na minha vida, porque me fez uma pessoa mais tranquila do que normalmente sou.

Continuando a apresentação da minha pistola semi-automática, totalmente customizada, que é uma expressão usada no meio dos adeptos do tiro prático; customizada é uma arma, digamos, envenenada, preparada. A minha, por exemplo, tem todos os requintes: compensador de gases, gatilho leve, as travas amaciadas, o cão aumentado, o cabo feito de pau-brasil conseguido em Belém, quando a coloquei

na mão de um armeto e ele fez tudo sob medida, com envase para os dedos e acabamento - desde as travas, o cão, o gatilho, ao pino unjor do carregador -, tudo banhado a ouro. Uma peça linda, além de ser uma arma extremamente eficiente, quando da necessidade de se estabelecer uma ação de defesa.

Neste momento comecei a perceber que o nosso assunto se voltava para armamentos. Contemplei, admirado, a pistola semi-automática. Repetimos a cerveja e mais um canapé, quando, convidado para deixarmos a sala de visitas e irmos para a de televisão. Nesse momento, a minha mãe havia se recolhido ao quarto e, no novo ambiente, mostrei-lhes um vídeo de Ufologia muito interessante, produzido na Alemanha, narrado em inglês e com legendas em português, onde várias naves foram filmadas em situações diversas de aparições.

Fiquei muito impressionado, a ponto de confessar seu gosto pelo assunto.

Era o de que eu precisava.

— Sabe por que estou mostrando esta fita a vocês? Porque, além de empresário em Belo Horizonte, sou um pesquisador de Ufologia.

Eis olhou para a esposa e sorriu.

— Então, você é um pesquisador? - disse, surpreso.

— Sou. Já dezito anos! - E contei a eles a minha vivência no CICOANI, as viagens de pesquisas, meus trabalhos de campo, e o quanto estava diretamente ligado às investigações do caso de Varginha.

— De Varginha? - admirou-se. - Está investigando o de Varginha, também?

— De corpo e alma - afirmo. - Travei contato com o Ufologista, que começou as pesquisas. Mas conseguimos até agora informações extremamente precisas. Além do mais, por saber que tudo isso é muito sério, estou me dispondo a levar adiante a investigação... precisando de sua ajuda, é claro!

A esposa mostrou-se reciosa, manifestando preocupação pelo fato de o marido ser militar da ESA. Tranquilei-a, dizendo que a pesquisa ufológica se vale de suas testemunhas, sabendo da gravidade que é expor a público o depoimento de qualquer pessoa. Falei-lhes sobre a pesquisa, feita com muito critério para preservar em qualquer momento e época a integridade das testemunhas, tanto civis como militares. Aludi às razões por que muitas pessoas - ainda que no anonimato - preferem se isentar nessas horas, recosas por caírem no ridículo público. No caso de um militar, por exemplo, inovei a prisão na caserna, a moral rebaxada, a corte marcial e a perda do emprego!

Pedi que ele gravasse um depoimento sem se identificar, porque eu não conseguia memorizar tudo o que ele dissesse. E tal depoimento ficaria absolutamente restrito ao campo da pesquisa. Caso, no entanto, houvesse a necessidade de mostrar a fita para outra pessoa, ele permaneceria anônimo, sobre qualquer argumento ou pretexto de identificação.

■ algo muito interessante ocorreu naquele momento. Na hora em que coloquei a fita no gravador, de apenas pedi-me que em hora alguma e por qualquer motivo fosse identificado:

— Olha, que isso pode prejudicar a gente! - disse ao marido.

— Pode ficar tranquila - retruquei.

Mesmo assim, apaguei-se a bíblia encontrada na estante. E, enquanto eu conversava com meu marido não olhei mais para o rosto dela, percebendo-a agitada ao passar a página emerosa de possíveis represálias e consequências advindas do ato de o marido dar testemunho ao proibido.

Deixei-o narrar o que bem quizesse.

— Tudo o que eu vou contar com a maior boataria dentro da ESA - disse. Após o primeiro programa do Pico do Gavião, que apareceram imagens da ESA, nada foi comentado oficialmente entre os militares. Passando em cada um enorme interiorização, pois era a primeira vez - presenciada por todos seus vários anos como militar -, que havendo citação sobre o Exército pela imprensa, escrita ou televisada, não ocorria uma informação direta aos subordinados. Para os seus superiores em comando. Se, num exemplo, a rádio local informava sobre treinamentos do Exército no Pico do Gavião - próximo a São Tomé das Letras - onde é comum a presença dele, ou qualquer jornal interiorano publicar uma nota, por menor que seja, dentro da ESA nada passaria despercebido.

Quando ele viu a reportagem, comentou com a esposa a confusão prestes a acontecer no meio militar, estando, de fato, o Exército envolvido. Na manhã seguinte saiu de casa no horário habitual. Indo para a ESA. No local onde os militares fazem as suas refeições, que em seu jargão é *rancho*, ao ir tomar café, estava na expectativa de encontrar algum comunicado ou aviso fazendo alusão à reportagem. Encontrou vários militares comentando o assunto da *crônica* de Varginha, e o fato de a ESA ter errado por barrar a equipe de reportagem da *Rede Globo* ali se encontrando para colher algumas informações. Não os deixou entrar na Escola - um quarto enorme -, apenas alegando a ausência do oficial de relações públicas e do general, não podendo atendê-los. Foi um erro, inqualificável, pois, se o comando tivesse melhor tratado no ocaso, teria recebido o Luiz Pery com a equipe. Na primeira reunião, a que deveria ser feita e levá-los para uma sala, olhecer-lhes café, apressar-lhes a refeição, e depois, com um *nos não sabemos de coisa alguma porque estávamos em treinamento de modo que não podemos fazer comentários*, a que deveria ser feito e levá-los para uma sala, olhecer-lhes café, apressar-lhes a refeição, e depois, com um *nos não sabemos de coisa alguma porque estávamos em treinamento de modo que não podemos fazer comentários*. Ao contrário, impediram de modo rude o Luiz Pery na porta da sala. Os comentários de não haver ninguém para falar. Ora, num contingente militar com mais de três mil homens, seria impossível que não existisse uma pessoa sequer que pudesse atendê-los! Ridículo!

Etc. como outros de seus companheiros, ficaram esperando ■ hora em que seriam chamados para serem notificados oficialmente por algum superior ou pelo próprio general ou coronel, sob a alegação que a Escola teve na mídia. Mas, naquele dia, ninguém tocou no assunto.

Então, revelei-me que a ESA tem um informativo do Exército ^(OPOR) que é uma espécie de rádio-telex diretamente ligado com um comando do Exército em Brasília. Todas as vezes que algum quartel de alguma unidade militar é citada na imprensa, geralmente chega o informativo com instruções sobre o que será dito para a tropa em função do que fora anunciado sobre determinada unidade militar, amparada ■ uma instrução superior. Mas nenhum ^(OPOR) foi transmitido para as tropas, quanto para o corpo de funcionários. E, quando isso ocorre, o alto comando daquela unidade o faz, porque o Exército é uma entidade de presépio extrínseco ligada a comunidade, não podendo ser citada ■ boi-prazer de qualquer jornalista.

Era de estranhar — e muito — tal silêncio, principalmente porque se tratava da notícia sobre a captura de uma *criatura*. Como não haver informação, se a Escola estava diretamente envolvida e aparecendo na televisão pelo Brasil todo? O próprio pessoal da ESA começou a desconfiar. Claro, alguma coisa de errado parava no ar, pois não era possível um acontecimento desse e nenhum oficial noticiar essas coisas. Simplesmente não vieram notícias do Exército. Então, fui até a diretoria da ESA, onde já havia conhecido o diretor, e falei com ele sobre o assunto. Ele me explicou que a ocorrência de um fato de repercussão mundial fizesse com que o Exército não emitisse nenhum comunicado esclarecedor.

Outra revelação importante foi ■ existência de uma unidade do Serviço Secreto do Exército dentro das instalações da ESA, os chamados ^(S2). Funcionando em uma sala sempre fechada, a que pouquíssimos têm acesso, porque estão ligados a uma linha telefônica exclusiva, a qual só pode ser acessada quando se encontra dentro, tem que tocar uma campainha. Chegava uma pessoa a porta, fechava a porta, e perguntava o que queria. Desse forma ninguém tem acesso ao interior da sala. O pessoal do serviço secreto é livre do uso da sala. Alguns, inclusive, usam barba, cabelos compridos. Tipos comuns para se infiltrarem no meio da comunidade. Tem, inclusive, vantagens de uso civil.

Outro dado posto pelo militar nos dá conta de que os ^(S2) fazem um rodízio periódico de tal forma que é difícil até mesmo para quem está servindo na ESA saber seus nomes, ou quem é ou não do serviço secreto. Há quem desconfie, e

86.



43

No dia seguinte, quando liguei para o Ubrajara, anunciei:
— Missão cumprida! Pode me aguardar que estou levando novidades.

As coisas não foram assim. Foi na terça-feira de carnaval, dia 20, o Luiz Petry ainda não havia chegado.

— Minha Nossa Senhora! — exclamou Ubrajara, percebendo que eu estava mesmo envolvido na pesquisa e dividindo com ele todas as minhas descobertas que, sem dúvida alguma, começavam a esboçar uma atividade bem sucedida no Sul de Minas. Mas haveria. No entanto seria uma questão de tempo para que novas informações viessem às minhas mãos, embora as já possuídas nos dessem um norte certo rumo à verdade. E, compartilhando com o Ubrajara esse ritmo intenso de atividades em que estávamos, ainda assim decidimos guardar esse material e ver depois, de comum acordo, o que seria possível passar para o Luiz Petry.

As atividades continuaram. Veio ■ quarta-feira de Cinzas, dia 21, e grande era a nossa expectativa da chegada da *Rede Globo* marcada para o dia seguinte, quinta-feira, dia 22. Na casa de Ubrajara o telefone não parava de tocar. Não havia acontecido o segundo programa televisivo e os ulubos ou cursosos continuavam ligando. Também foi quando começaram a surgir alguns relatos de pessoas ligando, sobrevoando as cidades ao redor de Varginha, como relatou o jornalista OVNÍ, Esperanza, André, e outros. Foi então que fomos até a cidade de Varginha, na Campanha, para fazer uma pesquisa. Foi lá que encontramos o Sr. José Carlos, Camandurá, Campanha, e o Sr. José Carlos, Monsenhor Paulo, etc. Ao todo, apuramos mais de doze cidades. Pessoas nos davam informações sérias, outras brincavam de terem visto uma coisa estranha há um mês, há quarenta dias, na semana passada... Ah, aqueles telefonemas!

Após atender a uma das chamadas, Angélica, sempre agradável, brincou que iria começar a cobrar pelo serviço de secretária, pois não estava fazendo o mesmo dentro de casa... O Ubrajara sempre falava de as pesquisas terem mais um impulso por causa da minha presença.

Mas, entre aqueles tantos telefonemas recebidos, alguém lembrou ter uma pessoa visto uma *criatura* em uma fazenda próxima a cidade de Alpinas, distante 80 quilômetros de Varginha. Andamos o endereço e as informações de como chegaríamos lá.

Capítulo

4

*A necessidade da crítica
é uma necessidade natural
do homem, mas é,
ao mesmo tempo,
um vício intelectual.*

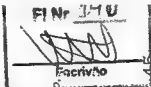
Sir Bertrand Russell

9 quinta-feira, dia 22 de fevereiro, veio com ela a viatura da Rede Globo, do Rio de Janeiro. Estavam o Luiz Petry, o Guto operador de câmera, e que documentou o videoclipe *They Don't Really Care About Us*, gravado por Michael Jackson no morro Dona Maria, um auxiliar de câmera e o motorista.

Pessoalmente não os conhecia. Ubirajara sim, pois estivera com eles no primeiro programa do *Pantástico*. A um canto relembrei ao Ubirajara o meu recio sobre o sigilo absoluto em relação às pessoas que me deram seus depoimentos, confiando na minha discrição. E ele foi ficando tenso, porque percebia a minha intenção de nada mostrar ao Petry. Preocupado, porque é uma pessoa muito honesta, disse que, se eu dissesse não, seria não. Era parte do nosso acordo de parceria e eu não podia ser hipócrita. Respondeu: "Muito bem". E negativa de um seria a do outro. Havia apenas um dado a ser considerado: eu não queria perder a oportunidade de entrar ainda a respeito do primeiro encontro dele até o momento oportuno na pesquisa. No entanto, procuramos informar ao Petry o que fosse possível, mantendo as nossas fontes completamente fora de seu alcance.



Luiz Petry,
editor do programa *Pantástico*
da Rede Globo de Televisão



Fizemos uma reunião e contamos ■ novidades, quando ele nos pediu para ouvir as fitas dos dois militares. Relutei, numa explanação do perigo se a imprensa visse a notícia - como furo de reportagem - tudo o que fora gravado. As testemunhas poderiam ser identificadas, recaído enorme responsabilidade sobre mim. Eu não estava disposto a correr tanto risco. Petry aproveitou a oportunidade para falar um pouco sobre a sua ética jornalística. Após, nos despedir, ele me deu um encontro, ele e o equipe foram para o hotel. A noite foi animada com eles, traçando as normas do que seria gravado no dia seguinte.

Como ficamos os dois em casa, tivemos uma conversa longa.

— Isso é muito sério. ■ grave! Do primeiro *Pantástico*, em que tudo fora ao ar ainda cheio de reticências - porque não havia nenhum depoimento de militares - ao de agora, com novas revelações, o passo que estamos dando no sentido de melhor esclarecer o caso pode pôr em perigo as nossas testemunhas.

— Está pensando?

— De certa forma, sim.

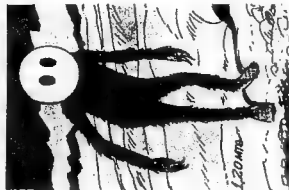
— Também estou, mas não há como deixar de dar a notícia. Você, em algum momento, encontrou uma razão para não confiar em Petry?

— Não, não. Mas você sabe o que é uma empresa jornalística. Há funcionários para vários setores. Quando uma pessoa é destacada para fazer uma reportagem, por exemplo, ela nunca vai sozinho. Sai a campo e retorna com uma série de dados confidenciais ou não. Faz a triagem dos fatos...

— E daí?

— Dai, sinceramente, não tenho razão para desconfiar do Petry, pois a mim me pareceu ser realmente um profissional ético. Mas ele, por melhor que seja, é apenas um funcionário. E se alguém lá de dentro vier a fazer mau uso da confiança para ele? O próprio Petry também não iria ter controle. Se ele não souber resolver transtornos para um outro programa da Globo, não vai ter a culpa de perder o seu contrato de trabalho e for para a empresa, o que seria feito das sobras, do que não pôde ser divulgado naquela oportunidade? Em que novas mãos fi-

que se tratava de outra *criatura* inclusive já catalogada na tipologia de seres extraterrestres no Brasil.



Criatura avistada por Toninho, já catalogada na Ufologia Brasileira



Tal *criatura* já foi vista tanto no Brasil como na Europa. Conta o Toninho ser ela do tamanho de um homem de cerca de 1,20 m de altura, com o corpo branco, a cabeça preta e cinco metros de distância. Estava próxima de um vale de eucaliptos, ao seu lado direito na direção que ia para o AARB. Do lado esquerdo havia uma cerca delimitando um pasto e que, na noite anterior do avistamento, houvera um estouro da bolada, a ponto de o gado arrebanhar alguns montões da cerca, espalhando-se em toda a descida.

Embora eu tenha certa noção sobre fazenda e procedimentos do gado do corte, ou mesmo se não o tivesse, não deixei de ser por demais estranho fazê-lo sair da costureira numinância à confusão galopada num sem rumo a ponto, inclusive, de arrebanhar cercas de arame farpado. Houve, portanto, uma razão ou algo aterrorizante para os animais assim se portarem. O capataz desta fazenda (aquele que não sabia de o Toninho ser fumante), nos levou para ver a cerca ao lado de uma mansidão, está habituado a gados normalmente, com sua mansidão, está habituado a passagens de carros, transeuntes a pé ou de bicicletas. Ou seja, aquele gado está acostumado com a presença do homem em sua rotina de pastagem. Nem mesmo os cachorros daí seriam capazes de alungá-los, pois sabem dos animais serem grandes para eles. Mas quando o Toninho se referiu a *criatura*, o local onde ele a viu fora exatamente na frente do pasto, ao que do lado direito. E aquela coisa não ficara a distância de 5 metros, mas a 5 metros de distância dos eucaliptos, olhando fixamente para ele, parado na estrada junto à bicicleta. A cabeça enorme, num formato oval, com dois olhos grandes, arregalados.

— Fiquei de cabelo arrepiado, tal o susto que eu levei — disse para o *Fantástico*. E completou a entrevista falando de ter montado ■ bicicleta e saído ■ pedalar, olhando ainda para trás e avistando a *criatura* de olhar fixo nele, mas caminhando em direção à mata de eucaliptos.

Pensei na curiosidade de estarmos diante de depoimento sobre uma *criatura* muito conhecida pelos ufólogos

cariam todo o documental? Os nossos depoentes é que levariam a pior. E o Petry não é o dono da *Rede Globo*.

Ubi jura concordou com o exposto. E começamos a pensar sobre o que poderia ser divulgado nas transcrições das fitas — sem que fossem identificadas as testemunhas — e o que não poderia ser divulgado sob qualquer pretexto. Além disso, fizemos o roteiro prévio das cenas e entrevistas que deveriam ser filmadas. Aquela noite foi longa, preocupante. Para mim, dormir não foi um verbo fácil de pronunciar madrugada adentro em Três Corações.

Na sexta-feira, dia 23, pela manhã, começaram as tomadas de cenas. Dos depoimentos, deixamos Petry ouvir as gravações, entendendo serem muito importantes na história da Ufologia brasileira e, em sendo parte da história, não nos cabia o privilégio de somente a nós nos portar. No entanto requeria cuidados especiais na sua revelação. E o Petry foi extremamente correto, ouvindo as gravações completamente surpreso, mas concordando que muitos dos trechos revelaria quem era a parte informante, se divulgado na íntegra. Decidiu-se, então, usar trechos de pequenas falas, algumas operadas por voz eletronicamente distorcidas.

E viajamos para Alfenas à procura do Antônio Cândido de Moraes (Toninho), que avistara uma *criatura* numa fazenda. Fizemos algumas tomadas que foram, inclusive, aproveitadas no programa levado ao ar no domingo, dia 25, porque o Petry desejava adiantar seu trabalho de filmagens. Chegamos à casa do Toninho e não o localizamos, porque estava trabalhando como jardineiro na Associação Atlética Banco do Brasil — AABBB — de Alfenas, distante oito quilômetros da área urbana, às margens de pequena estrada de terra.

Colidos os depoimentos de algumas pessoas, houve certa polêmica na ocasião, porque uma delas, dizendo conhecer o Toninho — um senhor que aparece no segundo *Fantástico* — e pretendendo mostrar-se íntimo, se prendeu em informes tolos sobre ele. Um pormento irrelevante ao mercedário ser "um rapaz muito bom, corajoso ele há muitos anos. É um rapaz que não bobo, não fuma. É, por bem dizer, um rapaz perfeito". Acontece que o Toninho, ao dar a entrevista para nós, estava fumando. Ficou, desta forma, essa contradição que apareceu no *Fantástico*. Irrelevantemente, mas, assim mesmo, seria de bom grado explicarmos. O crânio, o que desajustamos mesmo era o depoimento dessa testemunha afirmando o que via: "uma coisa simplesmente incrível". E nos contou que, de manhã cedo, montou sua bicicleta e foi para a AABBB pela estrada de terra com pastos nas laterais, montanhas, eucaliptos, árvores e geadas. Ainda na metade do percurso ele parou e começou a pensar em fazer um maceuá, depois um tamanduá. E, pela descrição pormentizada percebemos

brasiliteiros e, não, aquela de que estávamos à caça, que era de Varginha. O Luiz Petry, muito prudente, avisou que não bem não soltar essa informação, se o programa de televisão não mencionava para o caso da criação de Varginha. Se fosse mencionada esta outra, iriam aparecer as diferenças quando, poquíssimas consequências, estaria parecendo mais uma ficção científica.

Retornamos a Varginha na hora do almoço e fomos procurar o padreiro Henrique José de Oliveira que, na manhã do dia 20 de janeiro, lançando uma das suas construções, viu - juntamente com outros bombeiros de obra - a viatura do Corpo de Bombeiros se agrupando na rua, captura, mas não sabe mais? - perguntei.

O Corpo de Bombeiros, que parou na rua e foi ali onde tinha gente apontando o barranco por onde desceu uma coisa diferente.

— Eles viram pegar essa coisa?

— Eles viram.

Fiquei sabendo depois que, por duas vezes, o Henrique foi intimado pela polícia a guardar silêncio.

Durante o almoço repassamos o planejamento do que seria apresentado no *Fantástico*.

Tínhamos recebido uma informação, por intermédio de um amigo de um fazendeiro de Varginha, conhecido de Ubirajara, que um capataz dele havia visto uma nave. Achamos por bem ir colher as informações. A fazenda fica localizada no caminho entre Varginha e Três Corações, na mesma estrada que eu percorria todos os dias, de volta e aproximadamente a dez quilômetros saindo de Varginha.

Nosso contato era o senhor Eurico de Freitas e sua esposa Oralina Augusta. E o que nos contou foi de suma importância no *incidente em Varginha*. Tão importante que entrou nas gravações do *Fantástico*, embora em cenas

curtas, diálogos rápidos e nada muito conclusivo, porque em televisão um minuto que seja vale ouro. Mas, para nós, de valor inestimável.

Ali, retornei várias vezes não só para apresentar outros ufólogos a eles, como para levar outros profissionais de jornais e revistas, além de canais de televisão. Inclusive os pesquisadores estrangeiros que começavam a dar um sentido internacional ao episódio de Varginha.

Eurico nos contou que, na madrugada do dia 20 de janeiro, ou seja, na noite de sexta-feira para sábado a 21/1, ele aqui e bom abrimos um parentesco para recordar que naquele mesmo dia 20 de janeiro o Corpo de Bombeiros já havia capturado uma criatura às 10h30 e as notícias avistaram a outra, no mesmo dia 20 de janeiro, às 15h30, acordou no meio do sono devido a um grande alvoroço e olhou no rádio-relógio digital sobre o criado-mudo e viu a cabeça da cama. Era o gado, num galope desordenado em meio a magdos e barulhos. E comentou com Oralina, acordando de sobressalto:

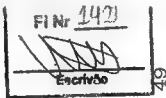
— Tem gente roubando o gado. Vou lá ver!

Como a casa onde moram fica defronte desse pasto que se alonga até o quarto indo até a sala. Abriu a janela para ver o acontecimento.

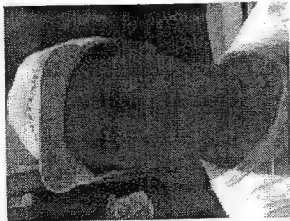
— Tinha um submarino voando em cima do pasto, Pacacini! - disse olhando em meus olhos.

— Submarino? - confessei incredulidade.

— É, sim. Um submarino mais ou menos do tamanho de um microônibus, e de pontas arredondadas, tendo na parte de cima um carço.



O pesquisador Pacacini e Eurico de Freitas - que avistou a nave (foto capturada de vídeo)



O padreiro Henrique José de Oliveira (foto capturada de vídeo)

objeto apropriado para esse tipo de missão, fazendo um levantamento do solo ou de locais para desovar algum tipo de criatura ou mesmo para executar qualquer tarefa específica. E no meio rural, a possibilidade de alguém avistá-la seria muito remota, com uma camuflagem perfeita nas madrugadas enciumadas.

A outra possibilidade também não podíamos descartar, a de que a nave estivesse com defeito. Quem sabe se, voando na lentidão, com a avistada, procurasse um local para o pouso, certos os seus tripulantes de que, naquele não fluatuar por muito tempo? E a fumaça, não seria parte do defeito?

O que parecia ser um submarino, não poderia ser alguma parte danificada do objeto, desprendendo-se de um todo que não fora visto?

Não saberíamos dizer o certo, mas estava fácil refletir sobre o óbvio.

No entanto, essa segunda possibilidade, até aquele momento não a considerávamos relevante. Dai, não damos caso a princípio. Nosso raciocínio pendia mais para a primeira hipótese: a de a nave estar fazendo coletas de espécimes vegetais, animais, minerais, enfim, algum elemento do solo. Talvez até insetos, minhocas ou coisa que o valha. As possibilidades eram amplas. Ou, ainda, a das criaturas lá capturada pelos bombeiros e a que fora avistada pelas meninas (fossem ali deixadas com o propósito de desenvolverem algum tipo de missão que não deu certo, e que elas possam ter sido infectadas por alguma bactéria ou protozoário ou por algum tipo de vírus da nossa atmosfera, não existente de onde vieram e, por isso mesmo, terem adoecido - porque em momento algum, tanto a criatura capturada como a que estivera em posição agachada e testemunhada pelas meninas, mostraram qualquer reação de defesa ou agressão).

Estávamos com a primeira hipótese, mas era necessário nos orientar no sentido de melhor trabalharmos na condução do que investigávamos. E, a princípio, nada fazia o menor sentido para nós. Por que seres de outros planetas viriam aqui para se deixarem capturar tão facilmente?

Apesar dessa indagação, estávamos plenamente concientes de que a nossa lógica poderia não se aplicar ao fenômeno.

Mas, se traçarmos num mapa uma linha reta a partir do ponto da fazenda onde moram Eurico e Oralina, veremos que numa distância de dois e meio quilômetros esta mesma linha vai encontrar-se com uma floresta e, mais a uns dois quilômetros à frente, a mata que separa o bairro Jardim Andere do Bairro Santana.

Uma outra interrogação que vinha sempre à minha mente, a partir de ser questionada com o meu parecer nos dias que antecediam o segundo Fantástico, foi sobre a possibilidade - para mim óbvia - de alguém, em algum momento, e em algum lugar, haver filmado ou fotografado pelo menos uma das criaturas. Nada e

— Uma cúpula?

— É. Mas não deu pra ver bem o cocuruto dele.

Oralina, ao perceber que o marido estava debruçado na janela da sala, também foi ver. E confirmou comigo:

— Era um charuto roendo: em cima do pasto!

Provavelmente não identificou o cocuruto, a cúpula, a parte convexa em cima do aparelho.

O submarino voava, a mais ou menos uns quatro metros do pasto, e numa lentidão de fazer gosto. Parecia até quase parado. Não fazia barulho e não tinha luz brilha de em lugar nenhum. Ia somente soltando fumaça nele todo. E foi trido, foi indo. Levou tempo até sumir lá em cima, por detrás do morro.

E quanto tempo durou este avistamento de vocês?

— De meia hora pra mais. Ficamos de olhar graduado nele porque a gente nunca tinha visto uma coisa assim, das mais esquisitas.

— E vocês, acreditam em disco voador?

— Já ouvimos falar, mas a gente não cre nessas coisas, não.

Impressionado com o que avistava quis sair de casa, ir para fora, a ver mais de perto. Oralina não deixou, por medo. Ficaram apenas observando. Avisaram o objeto e os contornos porque a noite estava clara.

— Era de cor cinza - confirmou Oralina.

— E na rabeira tinha a fumaça, com uma coisa se mexendo igual fosse um bico, na sua maneira.

Entendemos ter sido alguma peça ou elemento da nave com aquela função e balançando no vento - tentava captar o elemento da nave com aquela função:

ou, do contrário, sofrendo com o pedaço de pau e pde fogo nele e sal

correndo pra ver as faísquinhas voando? Era isso, mas o fogo não era de cor. E tinha fumaça.

— Depois?

— Depois ele sumiu por detrás daquele morro - e apontou-o. — Somente no claro do dia é que Oralina e eu fomos jurar o gado, não dando falta de nenhum deles.

Ubirajara, Luiz Petry e os ficamos boquiabertos porque essa nave, muito próxima do chão, avistada por mais de trinta minutos e numa enorme lentidão, era acontecimento raríssimo de se ver. O assunto entrou no programa.

Considerando o Sul de Minas uma região muito fria, é comum a neblina. Se a nave soltava fumaça, também poderia estar se camuflando em nuvens de vapor. Das duas possibilidades, uma: ou ela gerava a própria fumaça no sentido de camuflagem, ou estava com defeito. Não emitindo ruído, não expelindo calor, não possuindo luzes acesas e voando muito baixo sobre o pasto, talvez fosse um

coisa alguma me denovava desta hipótese. Afinal, aos cuidados dos militares, tendo sido o comandante do Corpo de Bombeiros, da PM, do Exército, com entrada e saída por todas as partes e, dentro, contando com a ajuda de médicos e enfermeiros, sei que ninguém — mas ninguém mesmo — não lembrou, em momento algum, de Ubirajara ou filmar? Nenhum 52 da ESA, por exemplo? Será?

Constantemente a pensar sobre isso, ocorreu-me a ideia da necessidade de obter informação correta, a despeito dos boatos.

Meu raciocínio se prendia à possibilidade de, na ESA, haver algum departamento ou setor que cuidasse desse particular. Deixei, assim, um bilhete para o chefe de gabinete, solicitando que fosse encaminhado a um laboratório responsável por fotos e vídeos, visando treinamentos de tropas no Pico do Gavião para estudos posteriores em futuras instruções; filmar equipamentos bélicos, desfiles, solenidades, etc.

E porque esse meu raciocínio estava a inquietar-me, restava a mim procurar saber, me informar sobre quem ou quais pessoas estariam encarregadas deste mistério dentro da ESA.

Questionei casualmente este assunto com o de Ubirajara, deixando-o à par de meu interesse em recorrer a um dos meus informantes para me ajudarem nesta procura, presumindo que os dois militares já depoentes de nada sabiam sobre vídeos e fotografias, pois certamente teriam revelado.

Na mesma sexta-feira, dia 23, quando retornávamos de Alfenas, após nosso encontro com o Antônio Cândido de Moraes -Torinho, jardineiro da AABR, e com o casal Eurico e Oralina, já próximos de Varginha disse ao Ubirajara e ao Pico da minha necessidade de ir a Três Corações. Em Varginha eles ficariam tracando o roteiro das filmagens a serem feitas no dia seguinte, sábado, com a nossa participação: Ubirajara e eu.

Anotava quando, em casa de minha mãe e após ter dado alguns telefonemas, recebi um chamado de "Bruno", meu amigo, anunciando ter descoberto uma pequena conhecida de uma outra que possuía filme autorizado dentro do setor áudio e vídeo na ESA. Suspirei fundo, acometido de grande euforia e, ao mesmo tempo, inquietante preocupação em meu íntimo porque a "pessoa conhecida" — mencionada por meu amigo — não era "minha" conhecida.

— Pode me apresentar a ela? — perguntei.

— Sem problema. — E recomendou: — Você tem de se mostrar interessado em querer fazer uma filmagem qualquer, porque foi isso o que eu fiz há ele. Nem que seja para uma festa em comemoração ao aniversário de alguém ou coisa assim. Concorde.

— Aguarde em casa que eu vou tentar falar com o meu amigo ainda agora. Talvez ele mesmo ligue para vocês combinarem um encontro.

Agradei num entusiasmo indescritível. Restava aguardar. Assim, cada minuto passou a ser tempo demais no relógio da sala, tornando-se uma insuportável espera longa, ativa, angustiada. Procurei inventar o que fazer, mas estava impossível concentrar-me em qualquer outra atividade senão a de quietar-me no sofá da sala imaginando vãos longos no meu pensamento — risco de nuvem pelo azul do céu entardecendo no quadro da janela.

Contatei o parceiro, passando-lhe a novidade. Que ambos, ele e Petry, ficassem em alerta, porque a qualquer momento, conforme fosse o meu encontro com o militar, e se tudo corresse de maneira favorável ao nosso intento, ligaria a qualquer hora para que ambos pudessem ouvir mais um depoimento de nova testemunha.

Não tardou e quem me ligava era a terceira pessoa, amiga do meu amigo. Apresentou-se oferecendo a ir comigo ao encontro de um amigo dele, militar, que além de fazer costumeiros trabalhos de filmagens para a ESA, também prestava-se a filmar festas de casamentos e aniversários.

Marcamos para — 20h o nosso encontro. Nós nos apresentamos e partimos à procura do militar — sua residência. Não o encontramos, preferimos aguardar — pouco ali por perto. Demos umas voltas de carro e paramos num bar próximo a residência dele. Às 21h voltamos à sua casa e o encontramos. Apresentei-me e expus-lhe minha intenção de gravar um vídeo de aniversário. Muito solícito, convidou-nos a entrar. Na sala — nossa conversa se restringiu a tempo e preços de filmagens. Súbito, ergueu-se e nos convidou para irmos até um quarto onde estavam algumas fitas de vídeos, albums de fotografias, a filmadora — uma aparelhagem de mixagem um tanto rudimentar, mas satisfatória. Ao nos mostrar um pouco do seu trabalho percebi nele um certo orgulho pelo que possuía. Perguntei-lhe se desejava tomar uma cerveja, pois havia deixado algumas latas geladas no carro e temia que elas se esquentassem. Concordei — fui até o carro buscá-las.

Passou um vídeo de formatura de militares dentro da ESA e outros, de passeios pela cidade — campo. Ao olhar o relógio eram quase 23h. Ansioso por abordar o assunto que me levava a procurá-lo, inquietava-me a ideia de, no domingo próximo, o programa Pantástico ir ao ar com a minha imagem e, certamente provendo que ambos iriam ver-me com absoluta surpresa, mais que nunca precisava confessar a minha razão de estar ali. Mas, até aquele instante não encontrava meios de entrar no assunto diretamente. Ao findar — passagem de um vídeo com imagens comuns da cidade de Três Corações, comentei com discrição:

— Pois é, gravar um vídeo é muito bom. Pena é de ninguém ter estado com uma filmadora e ter aparecido na tal cruzata em Varginha, não? Assim já teriam acabado com toda a polêmica. Concorde.

Concordaram comigo, comentando entre eles — veracidade ou não da criação.



TRES CORAÇÕES

Mata onde a primeira
criatura foi capturada pelo
Corpo de Bombeiros.
Manhã do dia 20.01.96
(às 10h30)

VARGINHA

Local onde as montanhas
viram a criatura
dia 20.01.96
(às 15h00)

BAIRRO SANTANA

Local onde a viatura
do Corpo de Bombeiros
foi capturada quando
da primeira captura.

BAIRRO JARDIM ANDRÉ

Local onde partiram
os militares para
uma varredura dentro
da mata.

Casa onde moram
EURICO E ORALINA

Nave que voou no pasto
defronte a casa do casal
EURICO e ORALINA,
na madrugada do dia
20.01.96 (à 1h14)

Local onde
Pascualini
e Ubirajara
fizeram uma
vigília de 18 dias

Local onde ILDO avistou
uma criatura tentando
cruzar a estrada
Núcleo 01, 02, 03, 06
(às 19h30)

FIN 105

— Se fosse verdade, você que cuida dos vídeos na ESA teria tomado conhecimento. E como não a chamaram é porque não houve nada para ser filmado, disse ao militar na tentativa de que ele nos dissesse o que sabia.

— A verdade não é bem assim — comentou, terminando de beber a cerveja. — Se realmente aconteceu de ter tido algum ET por lá, não ia ser eu a filmar, porque ninguém ia ficar sabendo de nada.

— Não? — Interroguei.

— De jeito nenhum. Ficaria nas mãos do serviço secreto e de altas patentes. Eles é que iriam filmar e fotografar tudo com os equipamentos de uso deles. Não fariam chamar um setor comum igual ao nosso, porque o quartel inteiro ficaria sabendo. Mas sabe o que eu acho disso tudo?

— Não, não sei.

— Esse negócio é uma grande bostaria, invenção de algum doido.

Aproveitei a deixa e, quando o avançado das horas, além do término das cervejas, sugeri um cigarro no meu outro dia. Despedimos-nos e conduzi quem estava em minha companhia até onde nos encontramos.

Ao ficar sozinho no carro, de retorno à casa de minha mãe, imaginei a surpresa que teriam eles dois quando me vissem domingo, no *Fantástico*. Mas foi muito pouco o imaginado. Os dois tempos depois que, naquele domingo, o militar apareceu bêbado, após o episódio do *Fantástico*, na casa do conhecido de meu amigo xingando com todos os possíveis e imagináveis palavrões o ufólogo... que fora à casa dele.

Antes de guardar o carro ainda fiquei parado um pouco defronte à garagem. Concluí ser necessário procurar o primeiro número já entrevistado por mim. Julguei encontrá-lo em casa àquela hora, mesmo no meio da noite de sexta-feira e fosse ele solteiro. Como reside aliado de onde eu estava, ainda assim resolvi articular.

A casa estava toda no escuro. Bati na porta algumas vezes chamando por ele. Quando desistiu, percebi a janela se abrindo e era ele um tanto desconfiado e sem acender luz alguma. Sorriu ao perceber que era eu.

— Vim avisá-lo de que a gravação que fizemos com você, vou usá-la no *Fantástico*!

— O quê? — asustou-se.

— Calma. Calma! — tranquilizei-o. — Vou usar somente alguns pequenos trechos e assim mesmo alterando a sua voz. Ninguém saberá que é você.

— Nossa Senhora, que susto, homem! — exclamou aliviado.

— Mas agora preciso de sua ajuda novamente.

— O que é?

— Dei a minha palavra de não revelar quem é você e vou cumprir sempre.

Acontece que tenho um parecer de total confiança e estamos trabalhando juntos nas investigações. É advogado em Varginha. Juntos com ele está o celador do *Fantás-*

tico, também da nossa inteira confiança. Agora, o que desejo de você é apresentá-lo a eles dois.

— Prometo?

— Prometo. Acontece que você, estando com nós três, será mais fácil para todos retrairmos da fita somente o permitido por você ou, se a gente não conseguir, você gravará novamente e a seu modo, entende?

Por um tempo não respondeu. Ficou a contemplar a luz do poste do outro lado da rua. Quando voltou a olhar-me, disse:

— Pode falar com eles que eu concordo.

— Mas tem de ser agora.

— Agora?

— De que outra forma? Por favor! Amanhã a turma da televisão volta pro Rio.

— Olha, confiei em você e até agora não tenho razão para não confiar. Se está dizendo que são pessoas de sua confiança, concordo. E onde vai ser o encontro?

Pedi que trocasse de roupa e entrasse no carro. Pomos para outro local e liguei para casa do Ubragira. Quem atendeu foi a sempre paciente Angélica, na costumeira delicadeza ao telefone, informando o restaurante onde Ubragira e Petry estavam jantando. Que eu ligasse para o celular dele.

Ao atender disse-lhe que *a onça lá beber água* — jargão dos ufólogos informando que alguém iria fazer alguma importante revelação. Combinamos de encontrar-nos em meia hora num determinado lugar em Três Corações, inteiramente reservado para que ambos ficassem defronte da testemunha militar.

Chegaram em vinte minutos e dela ouviram exatamente o mesmo que haviam escutado naqueles 42 minutos de fita gravada por mim. Tão impressionados ficaram a cada resposta quanto mais resolviam inquirir o militar. Na clareza das minúcias com que ele se dispunha a estender ao máximo na intenção de dirimir quaisquer dúvidas, mais nos encantava. E durante quase duas horas puderam concluir o quanto era sério e grave o ocorrido em Varginha naquele dia 20 de janeiro, principalmente porque ali estava a confissão de quem havia tomado conhecimento do envolvimento direto na captura, às 10h30, da primeira criatura até então envolvida numa rede... de grandes mistérios — desde sua prisão e destino.



Capítulo

5

Foi procurando provas que encontrarei a verdade.

Didato.

Com a segunda reportagem do *Fantástico* a situação parecia mais clara para todos, embora os céticos - não só de Virgínia como os de muitos outros lugares ainda levassem o assunto na gálio, risonhando "por que em Virgínia?"

Entendemos que poderia ser em qualquer lugar, porque em qualquer lugar na face da terra ocorrem avistamentos, abduções, relatos estranhos narrados por pessoas idôneas. Na Serra do Cipó, em Minas Gerais, em ambas as margens do Rio das Velhas, ao longo de décadas, o CIGOM tem investigado lá, todos os meses, fenômenos impressionantes. E se fizeram presentes episódios de ordem ufológica praticamente todos os dias. Na década de 70, senaralminha, a ufologia surgiu como algo novo, inexplorado. Cidades mineiras como Lagoa Santa, Leopoldina, Jequitibá, Baldim, Vila Amândia e outras não são as únicas a ter em seus moradores inúmeras testemunhas que também se perguntam: "Por que aqui?"

Podemos citar a reportagem do *Fantástico*, domingo, 8 de setembro de 1996, que aborda de maneira contumelante a pesquisa elaborada pelos ufólogos de Sumaré, São Paulo, os irmãos Mordini (que estiveram no Sul de Minas quando das reuniões com os demais ufólogos em apoio ao *incidente em Virgínia*), sobre o fato de uma nave - em Piracaba, interior de São Paulo -, de formato discóide, estar enigmaticamente iluminada, que criei a hipótese de que se tratava de uma nave espacial, e de onde saíram três cruzadas de baixa estatura, olhos grandes, orelhas também grandes e pontudas, trajando uniforme específico. Será que a população de Piracaba não se perguntou: "Por que aqui?"

Ora, Virgínia não foi escolhida por ser uma cidade especial. Nem por motivo específico algum. Apenas é uma cidade pertencente a um Estado que, por sua vez, faz parte de um País que é contexto de um mundo, o nosso, azul - visto pela primeira vez por Yuri Gagarin, astronauta (27 anos), no foguete Vostok, por uma hora e meia - espaço, em 12 de abril de 1961. Um porito sem nome para quem vem de fora, de algum lugar onde não sabemos qual seja, nem supomos - por maior a nossa capacidade de imaginação.

Para nós, vivendo dentro da Ufologia há muitos anos, tudo se baseia numa investigação inconclusa. Vamos até próximos a uma verdade com atropação, métodos de interpretação, curiosidade e vontade de nos sabermos parte de um todo universal. Apenas isto. Se as *criaturas* foram capturadas, ficaram sabendo porque estávamos apenas tentando levantar a possibilidade de como e o que aconteceu. E o que nos passa à realidade é a possibilidade de algo ter dado errado com os *de-fato*. Pois foram estas as nossas vertentes naqueles momentos. Mais: porque tudo sugeria através dos testemunhos das metralhas anunciando que a *criatura* parecia estar passando mal, parecendo haver lutado ou se esforçado muito, pois estava com um aspecto doente.

Com todas essas evidências, mais agora, acertuamos a crença de que alguma coisa saiu errado na missão desses seres do espaço: que a atmosfera da nossa atmosfera, algo veio prejudicá-las para - de repente - se verem numa situação desfavorável, e não podendo ser resgatadas antes de suas capturas. Vamos, no entanto, tocar neste assunto um pouco adiante.

Colhemos as imagens e sons de tudo o que até aqui foi relatado. Mas faltava para o *Grande Globo* a imagem da pessoa de Ubirajara e a minha - feitas dentro do estúdio -, com um depoimento nosso -, para que o Luiz Petry pudesse retornar ao Rio de Janeiro e se arrastar a seara das nossas pesquisas e tendo a sua frente mais de sete horas de vídeo para reeditar, preparar e editar o segundo programa - que, indo ao ar no domingo dia 27 de fevereiro, ficaria repercutido como uma bomba Brasil afora, a ponto de nos fazerem nos magoar, que, se antes o programa tinha 36 pontos de IBOPE, passou para 42 naquela noite.



E, na explicação feita pelo Luiz Petry, um ponto de IBOPE representa 63 mil pessoas! Assim, considerando que 36 pontos equivalem a 28.800.000 de pessoas conectadas na tela da *Rede Globo*, e computando mais 6 pontos arrebatados com o programa do *Caso Vargas*, somam-se 2.400.000, perfazendo um total de 31.200.000 milhões de pessoas, ou mais. E como se toda a população de vários países pequenos — agrigados — estivessem assistindo em *cadeira nacional*.

E o telefone, este não parava mais de tocar. Eram rádios, jornais, entrevistas a um vivo e pelo telefone mesmo. Um caos!

Espetadores na poltrona, assisti ao programa junto com o Ubrilajara, em Virgínia. Da tensão em encontrar-nos passamos ao júbilo. Luiz Petry conquistou-nos a todos por ter sido o primeiro a chegar, a se apresentar, estar de na nossa mais irrestrita confiança. Diria mesmo que ficamos deslumbrados com ele, porque teve a coragem necessária para abordar um assunto que tem sido quase sempre conduzido pela imprensa — de um modo geral — de maneira das mais imprecisas e inadequadas, contendo inserções de invenções, credos do sobre-natural, esoterismos, mentiras, exageros, mistérios, folclores... o que, com o trabalho dele, nada disso ocorreu, reportando-se aos fatos e atendo-se à honestidade das testemunhas. E ao esforço do nosso trabalho em busca do mais sério documental na história da Ufologia brasileira e... porque não dizer, mundial?

Apos a apresentação do *Fantástico* e nos dias seguintes, houve um alvoroço geral, não somente em Virgínia, mas também em diversas cidades do Sul de Minas. Tivemos a oportunidade de constatar um intenso número de avistamentos que já estavam ocorrendo dias anteriores ao aparecimento das *criaturas*. Talvez porque as pessoas não tinham a quem contar sem que fossem ridicularizadas e, ao mesmo tempo, não compreendiam a seriedade com que é levado o trabalho dos ufólogos, com a sua enorme quantidade de depoimentos e nos deixando — Ubrilajara e eu — pessoas de tamanha solicitação de nós dois. Eram pessoas de diversos níveis sociais encorajadas a chamar.

Sálmos do nosso *quartel geral*, que passou a ser o escritório do Ubrilajara, a cada hora, às vezes seguindo-nos até diferentes paragens para atender e chamar a atenção. E, em momentos, no entanto, em que Ubrilajara, sendo um advogado na área trabalhista, não tendo na cidade, não podia sobremaneira deixar de também atender seus clientes. Assim, vive de assalto, com o correio das entrevistas e pesquisas, preparando relatórios mapas com os roteiros de todas as pessoas que nos ligavam, e estabelecer contatos com os ufólogos de toda a região sempre nos ligando para pedir informações. Multíssimo importante foi o apoio que

deram a mim as secretárias Calmeiri Bonifácio e Cezari Ferreira, ambas competentes, fúrias, vivas do escritório de advocacia, sempre voluntárias a nos ajudar, tanto que é meu dever deixar aqui registrada a minha gratidão a elas.

Nas costumesiras viagens a várias cidades, vilas e lugarejos, num rateio de 150 quilômetros ao redor de Virgínia, com o gentil Angélica passando recordando informações pelo celular, gozávamos de relembrar músicas que marcaram nossa época de adolescentes — sendo ele dez anos mais velho do que eu.

Discurramos sobre os bailes nos clubes sociais, as orquestras como Casino de Sevilha, Waldir Calmon e outros, além dos inúmeros discos de conjuntos famosos tocando nas casas de amigos quando as estrinhas nas tardes dominicais. Bee Gees, Elton John, Rod Stewart, Electric Light Orchestra, a banda da Backman Turner Overdrive (e mais para a década de 80, grupo 100) e uma série de outros entre baladas, blues, rock. E muitos desses discos foram conseguidos em Belo Horizonte através de amigos que os remetiam até pelos correios dada a dificuldade de chegarem às cidades interioranas as novidades e os lançamentos.

Mais que validade para muitos, era um tempo também de aprender música para tocar algum instrumento. Ninguém sabia tocar na turma, que eu saiba, tornou-se um virtuoso. No entanto coplava-se um ritmo de jazz muito inspirado pela Bossa nova. Alguns acompanhamentos na guitarra tirados de certos conjuntos ou bandas. Alguns estudavam acordeão pelo método de Mário Mascarenhas. Das moças, havia quem articasse tocar piano. E tendo tudo um contato com vários instrumentos, a eles me apeguei e mesmo hoje gosto de tocar apenas pelo prazer sempre renovado que a música proporciona-me no enlevo da emoção.

Cantando algumas canções, comentando sobre as orquestras, dos movimentos da Bossa Nova e Jovem Guarda, e, fãmos dos nossos acariamentos e das grandes conquistas, não passando de olhares divertidos e uma ou outra dança, se os mais velhos que nós, de rostos espinhentos, tinham maiores privilégios e melhores conversas triviais. Foram últimos estes poucos momentos em que podíamos nos nos arrefecer da jornada estressada do vai-e-vem à procura de testemunhas, casos, informações. E sobre os sucessos das décadas de 60 e 70 (as décadas repletas de pobreza musical dos dias de hoje), ficávamos a desafiar um ao outro na lembrança dessa ou daquela música para cantarmos, ainda que desafinados, enquanto olhávamos a estrada serpenteando à nossa frente.

Não havia mais, em Virgínia, quem não subisse do ocorrido. O comen-tário tornou-se assunto do dia. De tudo sabíamos um pouco. *Sinal dos tempos, fim do mundo*, diziam os credules. *Invenções da mídia*, alardeavam alguns. *Polta do que fazer, brincadeira de mau gosto*, outros sorriam e ironizavam. Mas também havia aqueles seriamente interessados em pelo menos compreender o que estava de fato ocorrendo.



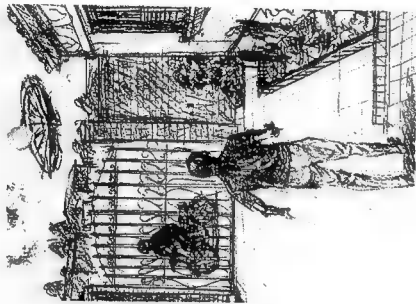
E a tudo dávamos atenção ainda que nos sobrecarregasse um cansaço brutal nas idas e vindas, a ponto de num só dia irmos a quatro cidades: Monsenhor Paulo, São Gonçalo do Sapucaí, Campanha e Três Pontas - próximas umas das outras - é verdade, mas ao encontro das muitas pessoas nos chamando para contar fatos, relatar histórias e até quem apenas queria nos inquirir sobre o acontecimento, para fazer - inclusive - preleções religiosas ou místicas! Outras, avisando o planeta Venus, muito visível naquela época, acreditando ser um objeto voador que "permanecia no mesmo lugar". A isto, devido ao fato de não estarem acostumadas a olhar para o céu e notar certas ocorrências naturais no espaço, concluindo à maneira delas que "passagem de nuvens na frente de Venus ou de alguma estrela mais iluminada, criava" "sensação de que o objeto "apareceu e desapareceu". Assim, num percentual de 99% do que foi visto não houve nenhuma expectativa de ser um OVNI. Porém, não quer dizer que não tenha acontecido. Pelo contrário.

Nos dias 13 e 16 de fevereiro foram muito acentuados os avistamentos. Tendo a oportunidade rara de tomar tantos depoimentos e colher relatos, assim solicitávamos a todos que também recorressem à rede de telefones dos 527 e da Globo locais, pois tínhamos o desejo de que os mesmos conduzissem. Era a preocupação nossa em sugerir o anonimato se deve à dificuldade inerente às testemunhas estarem sempre com medo de calarem no ridículo perante "população. Percebíamos - como sempre entendemos - esse temor quase unânime das pessoas tanto civis quanto militares, com elevado grau de instrução ou mesmo nenhum. Mas houve, sim, e muitos, os relatos que nos conduziram à certeza de que pessoas que avistaram OVNI's. Podemos citar um vendedor de carros - tanto ele quanto a esposa - que ficaram extremamente apavorados ao avistarem um objeto voador aproximadamente a cem metros de altura sobre a casa deles e que não quiseram prestar melhores esclarecimentos num depoimento a público, com medo das represálias dos E's em suas vidas. Dizia ele:

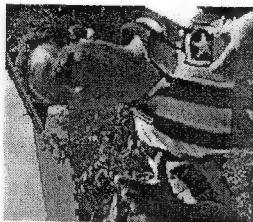
— Eu tô com muito medo! Eu tô com muito medo!

Ao viajarmos para Campanha, o senhor Norberto de Souza nos contou que, de madrugada, avistou uma nave pairada sobre sua casa, a tempo de chamar a esposa, ■ sogra, depois os familiares para avistarem-na a cerca de duzentos metros de altura, aproximadamente.

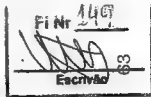
Outra informação prestada foi a de duas senhoras, Solange de Faria Junio (corretora de seguros) e Sandra Aparecida Ribeiro (vendedora), viajando pela rodovia Fernão Dias, de São Paulo para São Gonçalo do Sapucaí, retornando durante quarenta e uma hora de Viçosa, a ponto de avistarem o objeto luminoso durante duas horas, a noite, com o céu muito escuro, com poucas estrelas visíveis, e as abalroadas, pois o objeto voava de um a outro lado do carro e sobre ele, numa aproximação quase rante. As vezes tomava distância, retornando a compor-



— Eu tô com muito medo! Eu tô com muito medo!



Norberto de Souza,
de Campanha
(foto captada de vídeo)



lar-se do mesmo modo. Ao chegarem a São Gonçalo do Sapucaí, exaustas pela ansiedade e pânico, ■ havendo o objeto detido no rumo de um de tempo, algumas horas depois puderam avistá-lo novamente pairando a cerca de dez metros do lito, a oportunidade de chamar toda a família para o quintal a testar a visão, além de ouvirem um som igual ao de um chicote girando no ar e o piscar de luzes vindo do objeto e que, numa fração de segundo, desapareceu por dentro da escuridão.

Em Alfenas estivemos com o senhor José Batista, que faz manutenção em máquinas de lavar. Contou-nos que viajava durante ■ dia para atender um cliente em Parna, distrito de Alfenas, retornando à noite, avistou um objeto de luz roxa tendendo a violeta, que se colocou logo atrás do carro em movimento. Naquele instante aproveitou para chamar a esposa, Helena, para o autorreceptor avisando seu regresso e falar sobre o que presenciava. Mas ocorreu uma catástrofe

Passadas as três horas, o militar voltou a ligar e negociou um pouco bem menor: R\$ 10 mil pela entrega do material. Marcaram o encontro para «a noite da» quele mesmo dia, numa praça afastada do centro da cidade.

Com 20 anos aproximados, o militar chegou muito nervoso ao encontro, dizendo-se parente de quem fizera o primeiro contato com o repórter, e justificando serem ambos alunos da ESA onde tiveram a oportunidade de filmar e fotografar a *criatura*. Mas, naquele momento, ao se encontrar com o repórter sem «companhia do parente», o fazia para contar que a mãe do outro, sabendo de que havia um plano de venda do material para a TV, estava nervosa demais e com medo não só da repercussão, porém, muito mais pelo que adviria daquela atitude, já que o marido dela também era militar.

Descreveu ao repórter como fora feita a tomada das filmagens e das fotos, contando jamais ter visto nada igual. Tanto era a impressão causada ao avistar aquela *criatura* que não conseguia dormir havia três noites. Disse da pele oleosa, das grandes veias, dos olhos arregalados, duas narinas sem o nariz e, uma boca muito fina. A *criatura* encontrava-se dentro de um ambiente fechado e amarrada no que parecia ser uma mesa, mas não sabia ao certo por que estava coberta com um pano.

A medida que o jovem militar contava, tentando controlar o nervosismo, o repórter — que até então duvidara do que se comentava em Varginha, tamanhos os boatos havidos em disparates (e por ele mesmo não ter lido o tino de jornalista nem de repórter para ao menos refletir que os ditos populares sempre existiram porque nascem de uma verdade-verdadeira... e onde há fumaça é porque há fogo... e onde há boatos é porque existe uma verdade escondida em algum lugar...) — começou a crer que algo realmente muito sério acontecera. E somente começou a acreditar porque, mesmo prometendo sigilo absoluto dos nomes dos dois militares quando houvesse a entrega das fotos e do filme... no seu íntimo ainda julgava não passar tudo aquilo de conversa fiada por parte de um jovem... apenas querendo extorquir alguém.

No horário combinado para o novo encontro o militar não compareceu ao local. Somente à noite ligou para a televisão marcando um outro ponto na manhã seguinte, e que fosse ao meio-dia. Estava mais agitado que antes. Tinha a aparência nervosa, olhava para os lados «todo instante, deixando transparecer um medo de estar sendo seguido estampado nos olhos. Disse que na noite daquele primeiro encontro, soldados da ESA estiveram na casa do parente, forçando-o a entregar o material. Em seguida levaram-no detido para a Escola. Tudo isso, entendendo-se, porque o pai do parente era também militar e havia informado a ESA.

Até aqui a história foi contada à maneira que soubemos pelo próprio jornalista. No entanto nos deca uma oportunidade para opinar sobre «existência

ou não de fita e filmes da *criatura*. Sabendo que o Corpo de Bombeiros, a Polícia Militar, os médicos, os enfermeiros, os soldados da ESA os ⁵² e outros que estiveram diretamente lidando com a *criatura*, será que ninguém teria feito sequer um registro? Nenhuma foto? Nenhum filme?

No nosso entender é óbvio que a oportunidade não passou despercebida do meio de tantas pessoas. Fotografaram ou filmaram — certo é que, mais dia menos dia, conseguiremos ver e mostrar ao mundo o filme ou as fotos, ou os dois ao mesmo tempo. Estivemos próximos mas, por uma questão de um repórter que independentemente de saber lidar ou não com o assunto, e que trata a ufologia, tendo dois encontros com o jovem militar, demonstrou a todos que não ter sido a mínima intuição para, num momento como este, e na possibilidade mundial de ex-godação para colocar as mãos num documento de repercussão mundial, deixou-se ficar em si mesmo como marionete da dúvida, no *“não-me-quer, bem-me-quer”*, a despetalar sua própria mediocridade na dúvida, no *“não-me-quer, bem-me-quer”*... enquanto o militar sumia!



Capítulo



*O Inconsciente pode
reservar as inúmeras
essências para os olhos
que se sabem por a escuta.*

Jung

Entrávamos no mês de abril, quando decidimos marcar uma primeira reunião com os ufólogos que nos ligavam periodicamente e a quais quer outros se estivessem interessados.

Aconteceu num final de semana, quando se deslocaram para Varginha, Claudir Covo, Edison Boaventura Júnior, Jamil Vila Nova, a Norma, grupo CDSME, presidido pela professora Irene Granchi, Marco Antônio Rodrigues da Silva, irmãos Mondini - Osvaldo e Eduardo, ou seja, os grandes expoentes da ufologia brasileira, falando, por motivos particulares, Marco Antônio Rodrigues e Caspary Gevaerd - editor da revista UFO. De outras regiões como o Norte e o Sul, grandes nomes da ufologia brasileira não vieram somente por questão de distância e tempo.

Nesta reunião esboçamos a eles o que de concreto tínhamos em nosso poder e o que estávamos sabendo. Apresentamos a Kátia, a Valquíria e a Lilian, a quem pudéramos entrevistar, acompanhando-as também ao local do avistamento da criatura, com elas repedindo os mesmos dizeres mencionados em inúmeras entre-

vistas para jornais, revistas e canais de televisão. Em momento algum detectaram neles sinal de hesitação. Percebiam que nada lhes era contraditório. Também tivemos a oportunidade de recapitular o nosso contato com a primeira testemunha militar e o histórico de como a consegui.

Novamente tive dúvidas se deveria ou não mostrar a fita para que todos ouvissem o depoimento do militar. Às vezes, de modo até não intencional, um pesquisador pode comentar um fato com a esposa e sugerir segredo. Não um segredo abissal. Um segredo de evitar comentários. Mas ela conta para a irmã, na intimidade familiar, e também pode segredo. Assim, o segredo vai camuhandando inocentemente de boca em boca até abrir-se num canal de identificação da testemunha.

De novo estava defronte da mesma dúvida ocorrida quando da necessidade de mostrá-la a Luiz Petry. Deveria abrir nova e igual discussão com o Ubi-rajara? Uma fita de 42 minutos altamente reveladora sobre quem era o depoente, aliás da outra fita onde um segundo militar contava sobre o Serviço Secreto da ESA, deviam ser expostas? Conclui que não.

— E se quisessem cópias da fita? — perguntei ao Ubi-rajara. — A sua divulgação seria um sucesso, mas eu estaria desacreditado perante as pessoas que confiarão a mim os seus depoimentos, assim como eu próprio estaria responsabilizando-me pelo que viesse acontecer física e moralmente a eles.

Ubi-rajara ponderou comigo relevando a presença de todos muito dignos. Naquele momento, pelo fato de não conhecer nenhuma daquelas pessoas até então,



Jamil Vilanova, Ubi-rajara, Edison Boaventura, Eduardo Mondini, Osvaldo Mondini a esposa, Claudir Covo e um amigo de Ubi-rajara



e por melhor que estivessem referendadas, mineiramente optei por resguardar as minhas testemunhas no devido sigilo.

Concluímos, no entanto, que apenas a um deles poderíamos mostrar as fitas com os depoimentos dos dois militares. Ainda assim, com reservas. Confiamos ao Cláudio Covo a oportunidade de ouvir, considerando seus 35 anos de casos investigados, e do crédito de milhares de horas em vigília ufológica em diversos pontos do território nacional - pelo fato de que o Ubirajara já o conhecia há mais de 15 anos.

Concordo, pois afinal ninguém é proprietário de fenômenos aéreos não identificados, de discos voadores, de extraterrestres. A não ser as Forças Armadas... que historicamente esboçam - através do poderio bélico - a penitência de se acharem proprietários do mundo-da-força... as donas, exclusivas, de extraterrestres!

Cláudio ficou decais impressionado após tomar conhecimento dos fatos e dos depoimentos. Fizeram o mesmo com o esboço, a portas fechadas. Interferindo-se dos dependentes e que, como nós, também se comprometeu a manter estas fontes sob honrado segredo.

Enquanto eu o observava, de atenção aguçada ao que ouvia, de repente me veio à lembrança uma antiga leitura histórica sobre o que os confidetes de Arapá e Silva ao avisar a Dom Pedro I de que, se ele não colocasse a coroa na cabeça, certamente outra pessoa o faria.

A princípio não estava compreendendo o porquê daquela lembrança, nem o que ela sugeria assim, de tão reticente. E foi justamente isso que passou a incomodar-me durante várias horas, até que, num repente, compreendi a simplicidade do meu meio inconsciente.

A cada instante estávamos passando para os repórteres, ufólogos e até mesmo curiosos. Informações corretas e sempre novas, resultantes do nosso



Da direita para a esquerda:
Cláudio Covo e
Ubirajara

trabalho de campo, as quais iam se somando às entrevistas, aos depoimentos, às fotografias, às fitas gravadas e filmadas, tornando-se num dos mais sérios dossiês existentes sobre captura de extraterrestres no mundo.

Consequimos inverter a compreensão deste acontecimento perante a população - anteriormente cética - que a tudo ironizava - mostrando a todos, através do nosso trabalho - pela injeção de dados sempre atualizados, a seriedade da investigação de que estávamos imbuídos, além da exposição de motivos lógicos referendados à opinião pública sobre algo de muito sério acontecido em Varginha.

Com este acontecimento - que nos levou à realidade indiscutível sobre a existência em Varginha - percebi que não havíamos feito sequer uma cronologia de tudo o que estava até aquele momento. Necessária, inclusive - ainda que à guisa de memorização - para que em momento algum não houvesse incorrências no andamento das investigações. Expus ao meu parceiro, e iniciel as providências necessárias.

Preocupava-me, assim, do nosso trabalho - ao ser disseminado - sofrer todo tipo de distorções não nos fossem, critério de triagens absolutamente honesto para qualquer investigação. Caso contrário um acontecimento de tal ordem, esta fosse para qualquer investigação. Não poderia ser um acontecimento de tal ordem, meio a boatos e ao bel-prazer de cada repórter, dos místicos, dos pretensos ou escritores de fins-de-semana, pois certamente estes é que irão selecionar o lixo cultural em recortes de jornais, incluindo croniquetas, notas de rodapé, e poemas (!), numa salada de arrepiante sabor comercial... simplesmente aproveitando a onda do "ET de Varginha".

Ainda na parte da tarde, consegui apresentar o doutor "João Pedro" a maioria dos ufólogos, cientista da Unicamp que eu havia conseguido contactar, e fora a Varginha, somente para este encontro. Em palestra por ele proferida no auditório, solicitei a plateia que seu nome não fosse ventilado fora daquele recinto.

Discursou sobre o Projeto Genoma - o mapeamento do DNA humano - discorrendo, também, sobre o DNA mitocondrial. Solicitei que falasse sobre a evolução da raça humana desde os primatas até os seres humanos, explicando cientificamente que espécie humana ele acreditava que está bem confirmada dentro deste quadro evolutivo. Seu ponto científico não se vislumbra a interferência genética de seres extraterrenos na evolução da espécie humana.

Lamentou não terem sido colhidas amostras no local onde a criatura foi vista pelas meninas, nem da vegetação, nem do solo, nem mesmo do próprio ar - se o choro cair muito forte seguido a dona Lúcia que lá estava instantes depois. Fimada a sua palestra e o jantar, foi convidado a permanecer, fui com ele e coltamos mesmo algumas amostras de solo e vegetação, na garantia que ele nos daria a possibilidade de haver vestígios microscópicos no local.

De retorno à Unicamp tentou encaminhar as amostras para análise, não obtendo êxito porque todos os reagentes químicos e manufatura importados, por altos custos, necessários às análises, estavam requisitados por uma equipe formada com cientistas de várias áreas trabalhando em sigilo que somente mais tarde viria a ser conhecido. Mais: pelo fato de que suas requisições, chegando a ser encaminhadas à direção da Unicamp, automaticamente seriam embargadas se saberiam eles a finalidade e o porquê daquela solicitação.

Não fosse a verdade — devo repetir — com que fazíamos a triagem dos relatos em torno dos acontecimentos (fazendo o real, o fantástico, até a mentira por vezes); todas as informações que passávamos para serem veiculadas nos jornais, rádios e televisão eram pautadas dentro do absoluto discernimento sobre o que era fato-verdadeiro e o que possuía aparência-de-verdade. Assim, o nosso trabalho de anos em pesquisa ufológica resultava em credibilidade a cada dia maior e suficiente para que outros pesquisadores buscassem do nosso envolvimento, acreditassem em nós e nos procurassem, intencionados em prosseguir conosco nas pesquisas. Fosse o contrário, certamente Ubirajara e eu estaríamos ridicularizados em risadagens vexatórias, taxados de irresponsáveis sobre assunto tão sério.

Fazíamos o melhor que sabíamos, conscientes de estarmos no rumo certo da verdade. No entanto tivemos a oportunidade de perceber, em vários momentos, o quanto o individualismo dos ufólogos prejudica o próprio trabalho de pesquisa. Compreendemos também, como a cada grupo e indivíduo, na busca das pesquisas, assim como se tivessem vindo das águas de um rio somente deles, e de uma fonte única a jorrar do espaço sideral todos os fenômenos à acolhida de alguns poucos privilegiados.

Delicado é este assunto, mas deve ser mencionado apenas como um lembrete nosso sobre o que podemos chamar de total ciúmetra esse individualismo tão comum a por demais persistente entre os ufólogos. Como crianças incompreendidas e por se julgarem donos de determinadas horas para os seus trabalhos de pesquisas de campo, eles sabem muito bem como embriar ante ao acolhimento de anotações ou de materiais feitos por outrem, se não puderem — cada um, individualmente — guardá-los como se fossem somente suas prendas aquelas preciosidades. Outros, mais radicais, preferem arquivar tesouros particulares no íntimo de, ao obstar, apenas por satisfazer-se em estar distando as pesquisas paralelas de outros grupos, de outros ufólogos, de todos os que — estando a mesma área de trabalho — procuram apenas uma resposta em meio aos milhares de pedações e tantas e inquietantes perguntas sobre a vida lá fora.

Concluimos, pois, em nossa reunião, sobre a urgente necessidade de todos os ufólogos brasileiros unirem seus trabalhos, trocarem informações, somarem conhecimentos. Então, estarmos próximos da grande verdade, qual seja, a de que,

se não estamos sozinhos no universo... que pelo menos não fiquemos sozinhos aqui na Terra.

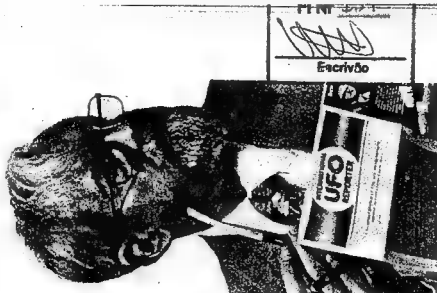
Anda em abril, logo após o encontro com os ufólogos, conversei com a americana Cynthia Newby Luce, mestre em Antropologia e Psicologia pela Universidade da Pensilvânia e residente no Brasil há 20 anos. Grande amiga em prazerosas correspondências e telefonemas.

Do jornalista e escritor americano Bob Pratt, formado em Washington, co-autor do livro *Night Siege* (Cerco Noturno), juntamente com o professor J. Allen Hynek, dentista e maior ufólogo americano — falecido em década de 70, fundador do Centro J. Allen Hynek Para Estudos de Ufós, em Chicago, Illinois —, também tive notícias.

Ufólogos reconhecidos mundialmente e profundos conhecedores da Ufologia brasileira, por coincidência ambos queriam saber sobre os acontecimentos de Varginha. Amigos meus de longa data, desde quando fomos juntos à Serra do Cipó, em expedição do CICOANI e que, naquela ocasião, Cynthia representava a Instituição americana Mutual Ufo Network (MUNOW), que é uma rede mundial de troca de informações ufológicas.

Anda que residente no Brasil há tantos anos, Cynthia não possui o completo domínio do nosso idioma, e Bob Pratt, muito menos, sempre residente nos Estados Unidos. Assim, contêi-lhes por telefone e em inglês — idioma com o qual tenho estreito contato — todo o ocorrido em Varginha, mencionando os depoimentos dos que viram a criatura sendo capturada, os do avistamento de outra criatura ocorrido com as meninas Valquíria, Kália e Lilliane; a presença dos militares na cidade, enfim, consegui fazer de modo claro o meu completo resumo até aquele momento.

No dia seguinte, Bob telefonou-me, informando sua vinda ao Brasil. Alegrei-me por tê-lo em minha consideração pela invejável cultura ufológica. E combinei com a Cynthia que o esperasse no Aeroporto Internacional do Galeão, no Rio de Janeiro. Achei ótimo e os fiz cliente de que seguissem para Três Corações, onde os receberia em casa de minha mãe. Imediatamente liguei para o Ubirajara.



Professor J. Allen Hynek

avistando-o sobre a chegada dos dois ufólogos americanos. A Boba, ele a conhecia pessoalmente. Falava conhecer o Bobby.

Finalmente, o casal em Varginha! Junto com eles, também, um timbaleiro, o rádio, a televisão. Acompanhados no vácuo dos lugares das corrinhas, nas apresentações, a Kátia, Valquíria, Liliene e a mãe Luísa. Nas entrevistas, de um modo geral, ficou como intérprete. No meu íntimo estava contente com o resultado advindo da honestidade do nosso trabalho, quando traduzi para eles, inclusive, os depoimentos dos militares.

No momento em que estávamos no carro, o celular tocou. Era Angélica. eficiente como sempre, a nos informar sobre quatro estranheiras semidesnudas, não bem resistentes, mas à maneira dos agentes do FBI, de cerca de 50, saindo de um carro importado e batendo à porta de casa.

Fomos advertir e tratar-se do físico Aldo Novak, paulista, 33 anos, e mais três companheiros, membros do Clube de Ficção e Divulgação Científica Frota Estelar Brasileira, com sede em São Paulo, onde milhares de associados (os Trekkers - fãs do seriado Star Trek (Jornada Nas Estrelas) usam uniformes da USS ENTERPRISE, "corajosamente indo onde nenhum homem jamais esteve", c. ainda, vice-presidente do Clube Aliança X Brasil (Clube advindo da coquetagem de Valquíria e de Aldo Novak) e o sinal pago Fox, semanalmente contando histórias sobre aparições de OVNIs, alienígenas e, óbvio, sobre governo e militares tramando suspensões por esconderem informações... (no seriado, ao casal do FBI, Fox Mulder / David Duchovny e Dana Scully / Gillian Anderson) ... mas, na vida real, o mesmo ocorrendo com qualquer cidadão do mundo!

E pelo mesmo processo de visitações e entrevistas, Aldo e companheiros quiseram ouvir as histórias dos depoimentos de Fred e de Jure. Mas, depois de mais acerto das informações e explicações, de tal forma que fosse possível o maior e mais completo entendimento das circunstâncias.

No entanto, embora tenham demonstrado estar bem satisfeitos após ouvirem a nossa explanação - apenas não sendo possível - eles - audição das fitas -, na oportunidade Novak e seus companheiros declararam apoiar e reconhecer o valor dos nossos trabalhos, oferecendo-nos a oportunidade de nos reportar aos membros do Clube, quando de um primeiro evento em São Paulo.

Satisfeitos pelo passeio - por desfilarem garbosos e facétores com as roupas de agentes da frota científica americana, retornaram à capital paulista, embarcados num importada nave terrestre, de quatro rodas, ... para que o próprio Novak declarasse à revista *Life* (1401 - 7/8/96) que "os militares estão escondendo algo por lá. Pode não ser um ET, mas há algo estranho", deixando com isso transpor a barreira da desconfiança, e ainda assim não estar convencido de que o tal não autêntico - segundo o próprio texto da revista - não era argentino, considerado hoje o mais importante da ufologia brasileira.

Para nós, ufólogos, tal declaração não nos importa, desde que todo o acontecido continue como um bom pretexto para que o Novak possa permanecer na pele do Onihudo Spock... logicamente!

Após os pareceres altamente favoráveis na avaliação sobre o correto comportamento psicológico de Kátia, Valquíria e Liliene - detronize das câmaras, microfones e registros - enviados por notícias, haviam passado cinco dias que desfrutávamos da companhia de Cynthia e de Bob.

Não havia mais dúvida parlando no ar sobre a veracidade dos fatos. A população, de um modo geral, e toda a imprensa entendia que realmente estava acontecendo algo muito sério no Sul de Minas, e que o caso *Varginha* não se tratava de nenhum tratamento diferenciado por parte dos militares (Boba, não sei se certo, toda aquela movimentação sub-reptícia não dia 20 de agosto fazia parte de todo um contexto mundial de acobertamento por parte dos militares - o que não é nenhuma exclusividade no Brasil.



O Físico Aldo Novak, faz de Jornadas nas Estrelas e Arquivo X

75

WHAT IS GOING ON?
NIGHT SIEGE
The Hudson Valley
Signposts
Dr. Allen H. ... J. Imbrogno
W. Bob Pratt

Aquele momento já havia abordado outros militares, que acrescentaram muitas e valiosas informações, não só pertinentes ao desempenho do Comodoro de Bombordo, quanto à Polícia Militar, mas também ao Exército Brasileiro. Com as novas informações, a polícia Militar, a Polícia Federal, o Exército Brasileiro e a Marinha do Brasil, além da existência de todo um processo de acobertamento, não somente pelo fato da participação direta dos militares negando seus envolvimento; também pelo enorme risco a que estava sujeito o militar se fosse identificado publicamente.

Assim, agíamos com o máximo cuidado na procura de algum outro militar que se prontificasse nos ajudar. Como o Ulbrajara é muito conceituado em Varig para a época, não só por ser o primeiro comandante da companhia, mas também por perceber-se que estávamos à procura de depoentes militares, quando saíamos a andar de carro pela cidade com roteiro ignorado até mesmo dos que fluavam na retaguarda, no escritório. Tentávamos o melhor despendimento possível, fosse o que estivéssemos fazendo havia sempre alguém da imprensa a nos rodear.

Quando Cynthia e Bob manifestaram o desejo de estarem em Belo Horizonte para tornarem conhecimento das últimas descobertas do CICOAM, tendo eu de ir também, por razões particulares, e a última meu apartamento fechado, com taxas de condomínio, conta de luz e telefone, Cynthia e Bob vieram comigo.

Desejosos, ainda, de estarem em contato com o professor Húlvio, pedi ao mestre para que, na medida do possível, organizasse a mostragem dos novos e inúmeros casos ufológicos, na intenção de que o casal se inteirasse dos trabalhos do CICOAM, pois havia dois anos que eles tinham estado conosco pela última vez, pois fizeram a primeira em 1962, quando, inclusive, era eu que fazia as traduções e agilizava as conversas e, a segunda, da mesma forma em 1964.

No entanto, como já estava há mais de dois meses fora de Belo Horizonte, sentindo os poucos membros do CICOAM afastados do que se passava no Sul de Minas, se reúnham deles - e em momento algum - houvesse demonstrado interesse em colaborar, de alguma forma, com as minhas pesquisas e, mento ali, de se deslocarem até Varigina. Mais: percebia, com clareza, o engano de eles, pois eu estava divulgando as informações de minhas pesquisas nos jornais e televisão não ao grupo, pois este, assim, concebi a compreender a distância que havia entre eles e eu. Se antes, alheios aos acontecimentos, isso vinha causando em mim certa estranheza, também depois a mim não causava surpresa compreender desde algum tempo que o CICOAM - muito atuante e organizado no início de sua fundação - está resolvido a quietar-se sobre os resultados de longas e exaustivas

pesquisas realizadas a delas ninguém mais tomando conhecimento, porque se tornava patrimônio de poucos ainda pertencentes ao CICOAM, jamais havia ocorrido consistente divulgação em jornal, revista ou livro. E quando algumas vezes ocorria eram somente notas esparsas tratando à superfície algum acontecimento de ocasião.

Inefelizmente, meu ver, o professor Húlvio - embora sempre admirado por mim, não somente em sua grandeza humana, mas como uma pessoa exótica, probo, catismática - durante esses quarenta e dois anos não se muniu das devidas ferramentas técnico-administrativas para o efetivo gerenciamento do CICOAM, se assim o pretendia durante todo esse tempo. Caso contrário dele teria feito um grupo agregado, ativo e coeso, em constante trabalho de divulgação através de exposições periódicas da enorme quantidade de material anealhado nesse quase século de vida do CICOAM e existente em arquivo: fotos, filmes, reportagens, esboços, cartas, etc., além de palestras aos ufólogos e cursos práticos aos iniciantes, ministrados incorporando as palestras, ideias e idéias de que se de se expressarem também, incorporando as palestras, ideias e idéias de que se deixando transparecer que o grupo necessariamente orbita em torno de uma só pessoa.

Assim como tomei conhecimento do grupo através de um convite pessoal do mestre, nos idos de 1960, por muitos interessados que permaneceram sem referências do CICOAM durante todos esses anos apenas por falta de informação.

É lamentável, hoje, perceber que o CICOAM não seja mais um centro de investigação, mas apenas um grupo civil com alguns poucos remanescentes e em dispersão. Quando o mestre se encontra em caráter de reunião de trabalho, mais se torna o evento uma reunião de todo guardado na residência do professor e que, ficando por lá, com certeza se reverte a num patrimônio particular da família quando do passamento do mestre.

É uma pena, porque o acervo pertence a todos do grupo e aos tantos de fora também, considerando que a pesquisa ufológica se faz em campo aberto, em espaço irrestrito e em arquivos para consultas públicas.

Assim como tomei conhecimento do grupo através de um convite pessoal do mestre, nos idos de 1960, por muitos interessados que permaneceram sem referências do CICOAM durante todos esses anos apenas por falta de informação.

Assim como tomei conhecimento do grupo através de um convite pessoal do mestre, nos idos de 1960, por muitos interessados que permaneceram sem referências do CICOAM durante todos esses anos apenas por falta de informação.

Assim como tomei conhecimento do grupo através de um convite pessoal do mestre, nos idos de 1960, por muitos interessados que permaneceram sem referências do CICOAM durante todos esses anos apenas por falta de informação.



Capítulo

A curiosidade leva
a inteligência humana
a sair da visão natural
à realidade mediânica

R. I. Bruchberger

Estava em Três Corações de volta ao incidente em Varginha. O telefone tocou e era um dos meus informantes relatando sobre o "Capelli", um civil que necessitava dizer a mim um assunto relativo ao que estava aparecendo nos jornais e na televisão. Pedi a ele que nada mais me adiantasse por telefone, porque eu estava com uma forte suspeita de estar com os meus aparelhos grampeados. Combinel lugar para ele de algum telefone público marcando um local onde poderíamos nos encontrar.

Em torno das 14h foi o combinado. Chegando ao local um pouco cedo fiquei na espera dentro do carro. Nesse momento um conhecido meu, o "Evandro", que a tempos eu não encontrava, ao me ver estacionando próximo de seu estabelecimento comercial, atravessou a rua vindo cumprimentar-me pelo que estava acompanhando de nosso trabalho em Varginha. E confessou ter sido bem providencial aquele nosso encontro porque um militar, amigo dele, havia-lhe confidenciado pormenores muito esclarecedores sobre a mesma *criatura* que os jornais e a

televisão estavam reportando. Pedi que marcasse um encontro de nós três. Prometeu telefonar. Abandonou-me, regressando a seu comércio.

A poucos metros do carro estava o "Capelli", aguardando um momento de se adestrar. Era perceptível seu constrangimento. Enquanto isso mesmo ao se encontrar comigo no passeio de uma via pública. Convidou-o para irmos até a casa de minha mãe. Lá, em qualquer lugar, estaríamos bem.

Após fazer com que eu promettesse inúmeras vezes guardar absoluto segredo sobre a sua pessoa, e não revelando a ninguém como aconteceu o que a tudo presenciei, bastei-me a descrever de que, há uns meses, estando em local isolado a pescar ao lado de um conhecido dele, teve a oportunidade de avistar "*aquela coisa fantástica*" e que ele "*compreendeu guardadas as proporções, emitindo um facho de luz azul muito bonita, clara e grande área ao redor de onde ele estava. Em poucos instantes aquela coisa foi sumindo, sumindo e sumiu para o alto*".

O seu relato foi este.

Saindo de carro e deixei-o no mesmo lugar onde nos encontramos.

De regresso a casa, fiquei pensando em como uma testemunha civil, sem nenhum envolvimento com o que aconteceu em Varginha, apenas para contar que avistou uma luz, um objeto alongado que logo passou para outros ou algo semelhante, exigisse de mim tanta promessa de sigilo, segredo, confidencialidade em algum momento fosse citado o seu nome, tinha medo de ser ridicularizado.

E assim são as inúmeras testemunhas, sempre amedrontadas de se exporem ao ridículo, às vaia, às chacotas. Muitas, inclusive, guardam para si durante toda a vida o que presenciaram, apenas pelo capricho da isenção em fazer parte no rol dos "doidos". Essas pessoas, porém, portanto, que mais acredito no depoimento de Kátia, Liliane e Valmir, quando elas tiveram fibra, honradez e coragem de estarem sempre sustentando perante a imprensa, aos ufólogos, as televisões, tudo o que viram e do modo e onde tiveram *criatura*. Repetindo a verdade delas, e sem o menor receio de - ainda hoje - serem motivo de risos, chacotadas e graças tanto pelos vizinhos como na escola, na igreja que frequentam, no trânsito e nas ruas por onde passam em companhia de repórteres ou pesquisadores... ainda querendo vê-las e escutá-las repetindo, repetindo, repetindo *ad nauseam* o que viram, onde, quando e... porque viram!

De depois do encontro com o civil, preferi ficar em Três Corações ao aguardo de que meu amigo de infância telefonasse, pondo-me em contato com outra testemunha militar. Achei por bem ir a Varginha naquele dia.



Por volta das 13h, o "Evandro" ligou. Estava ao lado da pessoa com quem eu queria conversar. Disse-me onde estavam e, no final, pediu que eu estacionasse meu carro perto deles. Foi apresentado ao militar da ESA que, por mais sorte minha, estava acompanhado de outro militar, seu amigo.

Achei por bem a escolha de um outro local mais discreto para nós. Entramos no carro e, despedindo-me do "Evandro", seguimos para a casa de minha mãe. Entrei na garagem, fechei o portão de madeira maciça e, em seguida, nos dirigimos para a sala onde começamos a trocar ideias.

Por experiência própria tenho o hábito de, numa pesquisa de ordem ufológica e estando em contato com alguma testemunha, fazer um pré-arranjo primeiro para que ela não se sinta limitada, acobertada e temerosa por parecer impossível ou irreal o seu depoimento. Ainda mais em se tratando de um caso como o de Varginha, de repercussão internacional, considerando ainda o fato de estarem à minha frente dois militares da ESA, tendo tudo a perder, além de serem extremamente prejudicados.

Disse-lhes a meu respeito, inclusive mencionando haver conhecido outros militares (também e cujos nomes não revelaria - embora fossem companheiros de farda - exatamente para que todos ficassem em completo anonimato). Terminei a minha fala sobre o que havia descoberto até então e dei-lhes a vontade para darem os seus testemunhos referentes ao que sabiam sobre a criação de Varginha, cujas revelações alcançaram o mais importante fato concreto da ufologia mundial.

Memorizando que esta primeira criação fora capturada no dia 20 de janeiro em torno das 10h30 pelos soldados do Corpo de Bombeiros e imediatamente retirada de Varginha pelo Exército, finalmente a oportunidade para sanar as dúvidas havia surgido com os militares à minha frente, dispostos a contarem todo o acontecido, sabendo eu que eles tinham estado com pessoas diretamente envolvidas com o incidente em Varginha.

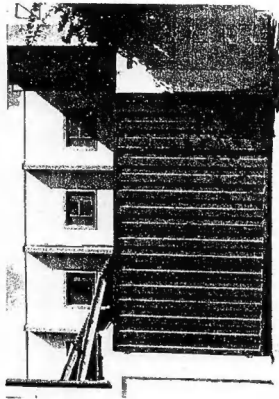
Às 06h do dia 22 de janeiro, saiu do quartel da ESA, com destino a Varginha, um comboio com três caminhões Mercedes Bens modelo 1418, em pintura de camuflagem, lonas nas carrocerias e dirigidos pelo soldado Cirilo; outro pelo cabo Vassallo e o terceiro pelo soldado De Mello. Tinham como companhia mais oito carros civis dirigidos por oficiais e por membros do serviço secreto. Na entrada da cidade, na avenida principal, onde a pista é dupla, além de uma pista acessória onde se encontram grandes empresas, a Kombi que estava à frente os fez parar a um quarteirão do Supermercado Paus Mendonça. Estranhamente permaneceram estacionados ali até às 11h, retornando ao quartel de Três Corações.

Mais estranho ainda foi o retorno de todos eles, estacionando no mesmo local, às 14h. De repente a Kombi - sempre à frente do comboio - seguiu rumo ao centro de Varginha quando, no mesmo instante, estacionava um fusca bege, dirigindo

do por um tenente S2 tendo a seu lado um outro militar ⁵² que, após usar o rádio comunicador, saiu do comboio para que o cabo Elben, motorista do primeiro caminhão (e que estava substituindo o soldado Cirilo, que estivera no comboio pela parte da manha), ordenando que o seguisse para o centro da cidade, e que os outros dois caminhões aguardassem ali mesmo.

Não tardou e apareceu de volta o primeiro caminhão rumando diretamente para Três Corações. Nesse momento o mesmo tenente no fusca bege, retornando, ordenou que o segundo caminhão - onde se encontrava o cabo Vassallo - o seguisse para o centro da cidade. De novo, e sem tardança, o segundo caminhão retornou, passando a ser seguido pelo primeiro, ao seguir direto para Três Corações. Novamente o tenente mandou que os dois caminhões se encontrassem o soldado De Mello fizesse o mesmo trajeto, ou seja, que se dirigisse para o centro.

Até aquele momento nenhum soldado compreendia o que estava havendo naquela missão, se apenas tiveram de circular de maneira ostensiva por dentro da cidade, de tal forma a criar dúvidas. Próximo aos estabelecimentos bancários um caminhão estacionou e partiu. Outro manobrou defronte a uma concessionária de carros. O terceiro, circulou pela Rodoviária. Agora isso, passaram por locais públicos movimentados. Transitando por diversas ruas justamente com o propósito de nin-



Portão lateral do Hospital Humanitas

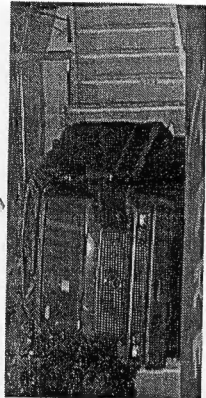
guém saber o de-onde ou o para-onde os caminhões estavam indo ou voltando. Menos ainda o que, afinal, estavam fazendo por ali.

É interessante abrir um parêntesis para considerar um fato que estava sob nossas suspeitas: a presença de caminhões, tanto defronte ao Hospital Reginal, quanto do Hospital Humanitas, que é bem mais aparelhado que o outro e ali costumemente se realizam até cirurgias do coração. Construído em um ponto da cidade estrategicamente próximo à rodovia — quando uma pequena estrada fora construída na intenção de desalojar o tráfego do centro, retrando os ônibus para a parte interna urbana —, criou-se condições justamente para os que do Hospital Reginal precisavam de atendimento médico, e todos das cidades circunvizinhas, não terem de rumar até a zona urbana. E mais: hoje em dia já se sabe que agora é nenhum dos caminhões usou esta estrada vicinal quando entrou. Mas recorreu a ela quando em retirada.

Mas foi justamente no Humanitas que estavam a Viatura e vários soldados do Corpo de Bombeiros, além da viatura e soldados da Polícia Militar de Varginha. E, de fato, no geral daquela operação, encontrava-se o tenente coronel Olímpio Vanderlei. Esta é a história dos dois oficiais, com um deles portando uma prancheta de mão e fazendo constatar a existência de um determinado equipamento, tendo a tiracolo uma filmadora JVC. Grande era o



Pátio interno do Hospital Humanitas



Caminhão da ESA, modelo idêntico aos do combolo, só não tendo a pintura camuflada (foto capturada de vídeo)



Tenente-coronel Olímpio Vanderlei, também presente no Hospital Humanitas (foto capturada de vídeo)



tumulto naquelas dependências, com várias pessoas usando o avental, se quatorze ou quinze eram médicos, paramédicos e alguns enfermeiros, alguns usando estetoscópios dependurados nos pescoços, mas todos usando máscaras cirúrgicas.

Pelo enorme portão lateral todos os caminhões entraram de ré no pátio, ficando somente com as frentes expostas na calçada. Neste momento os motoristas e seus acompanhantes não tiveram permissão para descer, enquanto civis e oficiais subiam e desciam da carroceta. Com diversos panos estendidos, mais as lonas de cada caminhão, fizeram uma espécie de túnel indo da traseira do caminhão até uma das salas que davam acesso àquele pátio. Isso, sendo repetido em cada um dos caminhões. Num parêntesis: os militares na sala depunham sobre este túnel, enfileirando que tal procedimento ocorreria exatamente do mesmo modo com cada caminhão para que os próprios não ficassem sabendo o que de fato ocorria e qual delas estaria transportando a criança.

E, de uma das salas, saiu uma caixa de madeira aberta na parte de cima, contendo uma criança aparentemente morta, de cor marrom escuro, com grandes olhos pálpebras salientes e sem pupilas — não se enxergando em forma de "v" e completamente desproporcionais ao corpo; mãos com três dedos; e o resto da parte do joelho um tanto esfolada ou machucada, podendo-se nitidamente perceber

que estava deitada de barriga para cima e parecendo estar coberta de óleo em todo o corpo, mas exalando um terrível cheiro de amoníaco.

Sempre observada por médicos, um capitão da Polícia Militar e também por outras pessoas ao seu redor, ao ser carregada para fora da sala foi colocada sobre dois cavalotes por soldados do Corpo de Bombeiros. Um dos médicos como se num último exame da *criatura*, com uma pinça abriu um pequeno rasgo que aparentemente seria a boca, puxando a língua fina, preta e comprida. Após soltar a língua, ela retornou para dentro da boca, mesmo estando provavelmente morta a *criatura*.

Fecharam a caixa trancando-a com uma espécie de parafusos com borboletas. E arremataram o serviço cobrindo-a com um pedaço de lona e transportaram-na para a carroceria do caminhão.

E um a um foram os três caminhões retornando para Três Corações.

Esta informação nos fora extremamente preciosa, pois a *criatura* que as meninas avistaram rente ao muro, às 15h30, com aspecto de estar doente; com certeza nos levava a crer que era ela mesma, saindo morta de Varginha e dentro da caixa de madeira. O que não sabíamos até aquele momento era como havia sido capturada.

Coincidindo as características da *criatura* com a avistada pelas meninas, assim estava mais do que corilugado o estereótipo dela, porque tínhamos absoluta certeza de que não se tratava daquela que fora capturada pelo Corpo de Bombeiros na manhã do dia 20 de janeiro.

No nosso entender ficou claro e evidente que a primeira *criatura* capturada na parte da manhã fora levada pelo Exército para algum lugar, talvez regressado com ela na partida de volta de Minas. Não se pode afirmar somente para causar susto em quem se interessava pelas meninas. Assim, tinhamos a certeza absoluta que se tratava de duas *criaturas*. Conclui-se, então, que o Exército a encaminhou diretamente para um local capacitado tecnologicamente, se é do conhecimento de todos não existir este local na cidade de Varginha como em qualquer outra cidade do Sul de Minas. E dada a proximidade do Estado de

São Paulo, pode-se concluir, sem nenhuma margem de erro, que ela provavelmente iria ser levada para uma base militar de Campinas, ou para a base militar em São José dos Campos, justamente por estarem próximas da Universidade de Campinas - Unicamp - e da USP, em São Paulo.

As 19h - horário de verão - o comboio finalmente chegou à periferia de Três Corações, encontrando todo um aparato policial-militar preparado para receber o trânsito nas ruas por onde o comboio passaria. Inclusive em rua de contramão, apenas para seguir em direção rumo à ESA, onde os caminhões ficaram guardados num galpão e sob vigilância reforçada, pois desde a saída do comboio ainda na parte da manhã, o quartel se encontrava numa estranha movimentação de tropa. A guarda foi dobrada, colocando-se guardas armados em todos os cantos do quartel, em áreas administrativas, próximo aos posto de pagamento e em vários outros locais que normalmente não exigem tamanha vigilância.

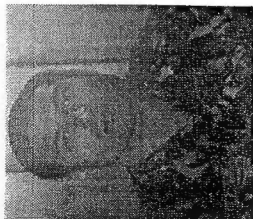
E, durante a noite, houve uma reunião onde estavam presentes o tenente Tibério, da polícia do Exército; o sargento Pedrosa, que é um S2 e braço direito do tenente-coronel Olímpio Vanderlei, mais o capitão Ramiréz. Traçavam planos e providências para o dia seguinte, numa estratégia que, ainda às 3h da madrugada do dia 23 de janeiro esse comboio, com os mesmos motoristas e acompanhados por sargentos em cada um dos caminhões se dirigissem para a Escola de Cadetes do Exército, de Campinas, com o sargento Pedrosa no comando enquanto estivessem na estrada, uma vez que o capitão Ramiréz havia saído antes deles num jipe Engesa.

Lá chegando o comboio, estava à espera o próprio capitão Ramiréz. E os motoristas foram dispensados para se alimentarem, descansarem, enfim, tirar o resio do dia para uma boa folga, sendo avisados de que retornariam a Três Corações no dia seguinte, 24 de janeiro.

Neste ponto do depoimento mais se aclaravam as nossas suspeitas, quando também se confirmou a presença do sargento Pedrosa dentro da Unicamp.

Devo confessar que desde o início dos depoimentos (embora eu houvesse se retirado a fim de não interferir dentro da matilha, além do gravador), até então ainda estavam recessos quanto ao que se tratava de uma *criatura*, mas agora, com a narrativa, com um completando as ideias a falta do outro. E ante a negativa, achei por bem não molestá-los mais. No entanto, não posso deixar de acrescentar, Ubirajara, e que não seria justo que ele também não ficasse sabendo o meu parecer. Pois ele era uma pessoa de minha estrita confiança. Alegaram que voltaram ao assunto numa outra oportunidade, mas não naquela hora, porque passava da meia-noite e temiam que se apresentasse ao quartel pela manhã cedo.

Retirei o carro da garagem e os dei em separado próximo de onde cada um residia. De retorno à casa, preferi ir devagar pelas ruas desertas. Não



Tenente Tibério
(foi capturada de vídeo)